

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

BRUNO ANDRE NUNES DA SILVA

**CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS QUE INFLUENCIAM O
NÍVEL DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE DISCENTES DE
ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2018

BRUNO ANDRE NUNES DA SILVA

**CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS QUE INFLUENCIAM O
NÍVEL DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE DISCENTES DE
ENSINO SUPERIOR DE CONTABILIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso Superior de Bacharelado em Ciências Contábeis do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco – PR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Eliandro Schvirck.

PATO BRANCO

2018



Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco
Curso de Ciências Contábeis
Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso



TERMO DE APROVAÇÃO

Título do Trabalho de Conclusão de Curso

Características Socioeconômicas que Influenciam o Nível de Alfabetização Financeira de Discentes de Ensino Superior em Contabilidade

Nome dos Alunos: **Bruno Andre Nunes da Silva**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado às 15 horas e 30 minutos, no dia 07 de junho de 2018 como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Contábeis, do Departamento de Ciências Contábeis - DACON, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora, composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho_____.

(aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado).

Prof. Eliandro Schvirck
Orientador

Prof. Marivânia Rufato da Silva
Avaliador - UTFPR

Prof. Luiz Fernande Casagrande
Avaliador UTFPR

*O termo de aprovação com as assinaturas encontra-se na coordenação do curso.

“Gaste seu dinheiro nas coisas que o dinheiro pode comprar. Gaste seu tempo nas coisas que o dinheiro não pode comprar.”

Haruki Murakami

RESUMO

A capacidade de gerir as finanças pessoais tem se tornado tarefa fundamental para a boa saúde financeira dos indivíduos e da sociedade. Em virtude disto, o tema alfabetização financeira tem ganhado maior evidência entre órgãos governamentais, universidades e institutos de pesquisa da área econômica. A importância da alfabetização financeira está relacionada com a capacidade na tomada de decisões dos indivíduos, principalmente entre os mais jovens. Desta forma, o presente estudo visa contribuir para literatura e identificar qual o índice de alfabetização financeira (IAF) dos discentes em contabilidade em duas instituições de ensino superior no Brasil, analisando quais fatores socioeconômicos exercem alguma influência em tal índice. A partir disto, realizou-se a revisão de literatura para identificar e compreender os conceitos acerca da alfabetização financeira, bem como elucidar aspectos relevantes para o tema. Em seguida, elaborou-se um questionário com fundamentação em estudos anteriores para que fosse possível melhor compreensão e comparação dos resultados. Logo, os resultados apresentaram semelhanças na média internacional do IAF, porém, com níveis insatisfatórios para a consideração da alfabetização financeira. Também foi possível identificar que os fatores socioeconômicos gênero e ano cursado apresentam alguma influência significativa no IAF dos respondentes. Desta forma, é possível afirmar que tais resultados apresentam similaridade com outros estudos já realizados, onde evidenciaram-se baixos níveis de alfabetização financeira, constatando-se a necessidade de aprofundar os fatores que causam tal influência a fim de encontrar medidas e soluções que corroborem na melhora de tais resultados.

Palavras-chave: Alfabetização Financeira; Educação Financeira; Finanças Pessoais; Contabilidade; Brasil.

ABSTRACT

The ability to manage personal finances has become a fundamental task for the individuals and society good financial health. As a result, the financial literacy topic has gained greater evidence among government agencies, universities and research institutes in the economic area. The financial literacy importance is related to the individuals ability to make decisions, especially among the young ones. Therefore, the present study aims to contribute to the literature and aims to identify the financial literacy index (IAF) of accounting students in two brazilian higher education institutions, analyzing which socioeconomic factors exert some influence on this regard. In this regard, the literature review was carried out aiming to identify and understand the financial literacy concepts, as well as to elucidate relevant aspects to the theme. Subsequently, a questionnaire was elaborated based on previous studies, so that it was possible to better understand and compare the results. Therefore, the results showed similarities to the IAF international average, but with unsatisfactory levels, considering the financial literacy. It was also possible to identify that socioeconomic factors (gender and year attended) have some significant influence on the respondents IAF. Thereby, it is possible to affirm that these results are similar to other studies already carried out, where low levels of financial literacy were evidenced, showing the need to deeply study the factors that cause such influence, in order to find measures and solutions that corroborate for the improvement of such results.

Keywords: Financial Literacy; Financial Education; Personal Finances; Accounting; Brazil.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANOVA – Análise de Variância

BP – Banco de Portugal

FADEP – Faculdade de Pato Branco

G20 – Grupo dos 20

IAF – Índice de Alfabetização Financeira

INFE - *International Network on Financial Education*

OECD - *Organisation for Economic Co-operation and Development*

PACFL - *Presidents Advisory Council on Financial Literacy*

PISA - *Programme for International Student Assessment*

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo Conceitual de Alfabetização Financeira	25
Figura 2 - Conhecimento financeiro, atitudes e comportamento (pontuação média)	34
Figura 3 – Gênero dos respondentes	52
Figura 4 – Idade dos respondentes	53
Figura 5 – Estado civil dos respondentes	54
Figura 6 – Ano frequentado da graduação dos respondentes	55
Figura 7 – Experiência profissional dos respondentes	55
Figura 8 – Principal fonte de rendimento dos respondentes	56
Figura 9 – Grau de escolaridade dos pais (agregado familiar) dos respondentes	58
Figura 10 – Auto avaliação do conhecimento financeiro pelos respondentes	58
Figura 11 – Percentual de questões respondidas corretamente	59
Figura 12 – Respostas da Questão 16 (Seguros)	60
Figura 13 – Respostas da Questão 13 (Inflação)	61
Figura 14 – Respostas da Questão 12 (Cálculo de juros; Empréstimo)	61
Figura 15 – Respostas da Questão 14 (Diversificação do risco)	62
Figura 16 – Respostas das atitudes dos respondentes	64
Figura 17 – Respostas do comportamento dos respondentes	65
Figura 18 – Histograma do IAF Global	69
Figura 19 – Histograma do IAF Conhecimento	71
Figura 20 – Histograma do IAF Atitudes	73
Figura 21 – Histograma do IAF Comportamento	75
Figura 22 – Gráfico do IAF por gênero	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questões de alfabetização financeira utilizadas em estudos anteriores	44
Quadro 2 – Resultado do Alfa de Cronbach.....	48
Quadro 3 – Escala de pontos do IAF	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Questionários coletados	47
Tabela 2 – Rendimento individual e familiar dos respondentes	57
Tabela 3 – Resumo das respostas de conhecimento financeiro	63
Tabela 4 – IAF global	67
Tabela 5 – Classificação do IAF global	67
Tabela 6 – Comparação da auto avaliação com o IAF obtido pelos respondentes...	68
Tabela 7 – Estatísticas descritivas do IAF	69
Tabela 8 – Teste de Normalidade IAF.....	69
Tabela 9 – IAF - Conhecimento.....	70
Tabela 10 – Estatística Descritiva do IAF Conhecimento.....	71
Tabela 11 – Teste de Normalidade do IAF Conhecimento.....	72
Tabela 12 – IAF - Atitudes.....	72
Tabela 13 – Estatística Descritiva do IAF Atitudes.....	73
Tabela 14 – Teste de Normalidade do IAF Atitudes.....	73
Tabela 15 – IAF - Comportamento.....	74
Tabela 16 – Estatística Descritiva do IAF Comportamento	74
Tabela 17 – Teste de Normalidade do IAF Comportamento	75
Tabela 18 – Teste de Mann-Whitney para Gênero	77
Tabela 19 – Teste de Kruskal-Wallis.....	77
Tabela 20 – IAF - Gênero.....	78
Tabela 21 – IAF – Ano Cursado	80
Tabela 22 – Teste de Mann-Whitney por ano cursado.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	13
1.2 PROBLEMA DA PESQUISA.....	16
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.4 JUSTIFICATIVA.....	17
1.5 DELIMITAÇÕES	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 FINANÇAS PESSOAIS.....	19
2.2 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	22
2.2.1 Conceitos	22
2.2.2 Mensuração da Alfabetização Financeira	26
2.2.3 Importância da Alfabetização Financeira	27
2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	30
2.3.1 Alfabetização Financeira <i>Versus</i> Educação Financeira	31
2.4 PERSPECTIVAS DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL.....	32
2.4.1 Fatores Socioeconômicos	35
2.5 INICIATIVAS A EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	37
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	40
3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	40
3.2 PROCEDIMENTOS PARA A SELEÇÃO DA AMOSTRA.....	41
3.3 PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO E COLETA DOS DADOS.....	42
3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	47
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES	52
4.2 CONHECIMENTO FINANCEIRO	59
4.3 ATITUDES	63
4.4 COMPORTAMENTO	64
4.5 ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	66
4.5.1 Conhecimento financeiro.....	70
4.5.2 Atitudes	72
4.5.3 Comportamento	74
4.6 FATORES SOCIOECONÔMICOS.....	76
4.6.1 Gênero	78
4.6.2 Período Cursado	79

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
5.1 CONCLUSÕES.....	82
5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA INVESTIGAÇÕES FUTURAS.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS.....	93

1. INTRODUÇÃO

No decorrer deste capítulo será apresentado: (i) A contextualização desta pesquisa; (ii) o problema de pesquisa; (iii) o objetivo geral e os objetivos específicos; (iv) a justificativa, relevância; (v) delimitação do problema.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O aumento nos últimos anos de produtos e serviços financeiros, bem como de sua complexidade, vem trazendo constantes mudanças e revolucionando o mercado financeiro (HOGARTH E HILGERT, 2002; MANDELL E KLEIN, 2007). Nesse sentido, o mercado financeiro como um todo se tornou uma grande preocupação para estudiosos e até mesmo para os governos, que identificaram o consumidor financeiro como um dos elementos-chave para o seu funcionamento. Dessa forma, ter conhecimento sobre as finanças é importante não só para as organizações, mas sim para todos os indivíduos que, direta e indiretamente, influenciam e são influenciados pelo mercado financeiro.

O controle e o conhecimento das finanças pessoais, que é o campo de estudos e discussões de questões relativas à finanças individuais (NIDAR E BESTARI, 2012), se faz ainda mais importante diante das constantes mudanças do mundo moderno e principalmente pelo aumento da quantidade de produtos financeiros no mercado (KILYANNI E SIVARAMAN, 2016; OECD, 2012; PENG, BARTHOLOMAE, FOX E CRAVENER, 2007). Entretanto, cabe explorar a importância do papel que a educação financeira possui na vida das pessoas, principalmente entre os mais jovens, geralmente estudantes, acerca do qual diversos estudos realizados em todo o mundo demonstram que o nível de conhecimento financeiro é considerado baixo (LUSARDI E MITCHELL, 2014; OECD 2013). Contudo, Gudmunson, Zuiker, Katras e Sabri (2015) e Klapper, Lusardi e Panos (2013), destacam que os jovens adultos se encontram em um momento importante de suas vidas, em que acabam de entrar no mercado de trabalho e precisam estar preparados com recursos, ferramentas e

educação financeira para que consigam tomar decisões financeiras assertivas e de sucesso.

Desta forma, a alfabetização financeira tem papel importante para que os indivíduos possam estar preparados para lidar com tais situações. Entretanto, a alfabetização financeira popularmente é confundida com “educação financeira” ou “conhecimento financeiro”, os quais são muitas vezes utilizados como sinônimos na literatura, porém, com algumas variações de seus conceitos conforme diversos estudos realizados por especialistas e estudiosos financeiros (ORTON, 2007; MCCORMICK, 2009; HUNG, PARKER E YOONG, 2009; LUSARDI E TUFANO, 2009; HUSTON, 2010; OECD, 2013; ATKINSON E MESSY, 2013; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016). Esta falta de padronização causa variações nos resultados dos estudos bem como dificulta ainda mais a comparação, sendo poucos os estudos que buscam diferenciar e definir tais conceitos (HUSTON, 2010; REMUND, 2010).

Para Huston (2010), um indivíduo financeiramente alfabetizado deve demonstrar conhecimento e habilidades necessárias para a tomada de decisão dentro de um mercado financeiro que todos os indivíduos enfrentam, independentemente de suas características particulares. Entretanto, diversos estudos definem alfabetização financeira como a capacidade de usar o conhecimento e habilidades financeiras para tomar decisões assertivas e gerir efetivamente os recursos financeiros (MOORE, 2003; PACFL, 2008; FOX E BARTHOLOMAE; 2008; GARMAN E FORGUE, 2011, P.4; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016), tais como, investimentos, empréstimos, seguros e impostos (HOGARTH, 2002). Mandell (2008a), descreve como a “capacidade de avaliar instrumentos financeiros novos e complexos, bem como fazer julgamentos informados tanto na escolha dos instrumentos como na dimensão de uso que seria mais adequado”. Lusardi e Tufano (2009) e Lusardi e Mitchell (2014), definem como a capacidade de o indivíduo gerir suas dívidas, tomando decisões simples sobre contratos de dívida, aplicando conhecimentos básicos de juros compostos, nas escolhas financeiras do dia a dia.

Tais conceitos evidenciam basicamente a alfabetização como uma capacidade de tomar decisões conscientes e assertivas, entretanto outros estudos levam em consideração outros elementos na alfabetização financeira. Na avaliação de Hung, *et al.* (2009), alfabetização financeira inclui: (i) uma forma específica de conhecimento; (ii) habilidades para aplicar este conhecimento; (iii) compreender este conhecimento; (iv) possuir um bom comportamento financeiro; e (v) deter experiências financeiras.

Em um estudo de caráter internacional, aplicado em diversos países, a *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD) em conjunto com a *International Network on Financial Education* (INFE) (2011), define que a alfabetização financeira não está somente relacionada à capacidade de usar conhecimento e habilidades, mas também à uma “combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, em última instância, alcançar o bem-estar financeiro individual”.

Essa falta de padronização da alfabetização financeira não se encontra somente em conceitos teóricos, mas também na sua forma de mensuração e avaliação (HUSTON, 2010; REMUND, 2010). Em busca de suprir esta lacuna, a OECD em conjunto com a INFE, elaboraram um questionário que aborda todo o conjunto da alfabetização financeira, relacionando vários aspectos como orçamento e administração, planos de curto e longo prazo, escolha de produtos financeiros, risco e retorno, inflação, bem como relacionando-se a aspectos sociais e demográficos, sendo aplicado em diversos países (ATKINSON E MESSY, 2012).

Ao longo dos últimos anos a indústria financeira sofreu um aumento da quantidade de produtos e serviços financeiros (HOGARTH E HILGERT, 2002; MANDELL E KLEIN, 2007) e, em virtude disto, estudiosos, governos e autoridades passaram a reconhecer a importância do consumidor financeiro e perceberam que o conhecimento financeiro é a chave para a segurança financeira moderna (MANDELL E KLEIN, 2007). Esta importância foi amplamente reconhecida na crise financeira global de 2008 (HUNG, *et al.* 2009), após estudos demonstrarem que a falta de alfabetização financeira dos indivíduos é um dos fatores que contribui para a tomada de decisões mal informadas e ineficientes e que estas decisões podem, por sua vez, gerar um impacto negativo aos indivíduos e a sociedade (OECD, 2012; LUSARDI E MITCHELL, 2014).

A ampliação do ensino financeiro aos indivíduos, resultaria assim em uma grande quantidade de indivíduos alfabetizados financeiramente, os quais poderiam exercer pressão competitiva sobre reguladores financeiros e instituições financeiras, a fim de melhorar a eficiência e qualidade dos serviços financeiros ofertados. Além disso, pode resultar em serviços e produtos financeiros mais apropriados e transparentes, bem como melhorar as atitudes da sociedade em geral, garantindo um mercado financeiro e econômico estável, composto por indivíduos capazes de comparar opções, questionar e realizar negociações mais efetivas e lucrativas (OECD,

2012; WACHIRA E KIHU, 2012; NIDAR E BESTARI, 2012; KLAPPER, LUSARDI E PANOS, 2013). Diante do contexto apresentado, emerge a pergunta de pesquisa.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Quais características socioeconômicas exercem alguma influência no nível de alfabetização financeira dos discentes de ensino superior de contabilidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Faculdade de Pato Branco (FADEP), localizadas em Pato Branco, Paraná, no Brasil?

1.3 OBJETIVOS

Com o objetivo de responder a esta pergunta de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura através da qual foi possível elaborar um questionário que tem por intuito identificar qual o nível de alfabetização financeira dos discentes em contabilidade e quais são as variáveis socioeconômicas que podem influenciar em tais níveis. Para atender ao objetivo geral, consideram-se alguns objetivos específicos:

- Obter o índice de alfabetização financeira (IAF) dos discentes;
- Avaliar a percepção de alfabetização financeira dos discentes;
- Comparar o grau de compreensão de alfabetização financeira dos discentes;
- Elucidar aspectos sociais e econômicos que possam vir a ser relevantes no nível de alfabetização financeira;
- Identificar a auto avaliação dos discentes em comparação ao nível de alfabetização financeira que lhes foi obtido;
- Correlacionar fatores sociais e econômicos com relação ao desempenho individual dos discentes.

1.4 JUSTIFICATIVA

Conforme os objetivos destacados, a pesquisa justifica-se pelo caráter de importância a respeito do conhecimento financeiro dos discentes em contabilidade. Essa importância surge de fatores como as constantes mudanças no mercado financeiro, o aumento de produtos e serviços financeiros, além dos diversos fatores econômicos e sociais que condicionam a necessidade de uma sociedade mais consciente a respeito das finanças pessoais. Obter, avaliar e mensurar os resultados obtidos através da coleta de dados é fundamental para a análise da atual condição que se encontram estes discentes, principalmente pelo fato destes estarem envolvidos com aspectos básicos relacionados à finanças.

A identificação dos resultados corroborará com toda a literatura relacionada com o tema da alfabetização financeira, onde será possível identificar quais as relações de causa e efeito estão ligadas com os níveis de alfabetização financeira, bem como possibilitará compreender se os resultados obtidos através do presente estudo condizem com a realidade apresentada em estudos anteriores.

1.5 DELIMITAÇÕES

Quanto à delimitação, este estudo utilizar-se-á da análise descritiva e estatística dos dados obtidos, apurando assim possíveis níveis de significância estatística dos fatores socioeconômicos, bem como a descrição e comparação dos resultados com estudos anteriores.

Por fim, o presente estudo encontra-se dividido em 4 capítulos. O Capítulo 1 apresenta a revisão de literatura, dividindo nas seguintes seções: (i) finanças pessoais; (ii) alfabetização financeira; (iii) educação financeira; (iii) perspectivas da alfabetização financeira no Brasil; (iv) iniciativas a educação financeira; e (v) fatores socioeconômicos. O Capítulo 2 compreende a metodologia de investigação, estando dividida em: (i) enquadramento metodológico; (ii) seleção da amostra; (iii) coleta dos dados; e (iv) análise dos dados. O Capítulo 3 abrangerá os resultados obtidos, os quais estão divididos em: (i) caracterização dos respondentes; (ii) conhecimento

financeiro; (iii) atitudes; (iv) comportamento; (v) índice de alfabetização financeira; e (vi) fatores socioeconômicos. Por fim, o Capítulo 4 apresentará as conclusões obtidas através da realização do estudo, bem como suas limitações e sugestões de investigação futura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo compreende a revisão de literatura de assuntos relevantes ao tema proposto, para compor base teórica para a sustentação dos objetivos propostos. Divide-se nas seguintes seções: (i) finanças pessoais; (ii) alfabetização financeira; (iii) educação financeira; (iv) perspectivas da alfabetização financeira no Brasil; e (v) iniciativas a educação financeira.

2.1 FINANÇAS PESSOAIS

No ambiente financeiro, o campo de estudos e discussões de questões relativas a finanças individuais é conhecido como finanças pessoais (NIDAR E BESTARI, 2012). O conceito de finanças pessoais pode ser considerado como o estudo dos recursos pessoais e familiares, que são relevantes para o alcance do sucesso financeiro, estando ligado com a forma que os indivíduos gastam, poupam, protegem e investem seus recursos financeiros (GARMAN E FORGUE, 2011). Para Cherobim e Espejo (2010), o campo de finanças pessoais é a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de um indivíduo ou de uma família, estando relacionada com a ocorrência de eventos financeiros e com a fase de vida para auxílio do planejamento financeiro. Ainda, Pires (2006), complementa o conceito, indicando que o objetivo das finanças pessoais é estudar e analisar as condições de financiamento das aquisições de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades e desejos individuais, destacando que para atingir estes objetivos, é necessário compreender a lógica do dinheiro e do mercado. Nesse contexto, possuir um entendimento sólido sobre finanças pessoais permite um melhor desempenho frente aos desafios, responsabilidades e oportunidades financeiras (GARMAN E FORGUE, 2011).

Estudos e investigações do tema finanças pessoais, devido às crises financeiras e às instabilidades econômicas ao redor do mundo nos últimos anos, têm ganho maior evidência como uma habilidade de suma importância para as pessoas gerirem melhor o seu dinheiro. Como consequência desses eventos econômicos, as

peças, de uma forma geral, estão criando maior responsabilidade na tomada de um crescente número de decisões financeiras (HUNG, *et al.*, 2009; OECD, 2012). Além disto, o momento atual apresenta mudanças em alguns fenômenos econômicos-sociais, tais como o crescimento da expectativa de vida, o aumento dos custos de vida, o aumento na quantidade de produtos financeiros com nível complexo de compreensão, a contribuição para planos de pensão (aposentadoria), e o crescimento dos mercados financeiros. Esses fatores demonstram que possuir competências de gestão financeira pessoal é essencial para um futuro financeiro bem-sucedido e seguro (KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; OECD, 2012; PENG, BARTHOLOMAE, FOX E CRAVENER, 2007).

Nesse contexto, Domingos (2012, p. 22) define que “para alcançar o sucesso financeiro pessoal, não se depende apenas do quanto um indivíduo ganha, mas sim da maneira como este administra o que ganha”. Sendo assim, compreender, planejar e cuidar das finanças pessoais tornou-se fundamental para o sucesso financeiro e para a qualidade de vida dos indivíduos, e para que isto seja alcançado, a aprendizagem eficaz das finanças pessoais tem grande responsabilidade na formação de atitudes e comportamentos necessários para a administração da mesma (POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016; CHEN E VOLPE, 2002). Entretanto, para Medeiros e Lopes (2014), devido a quantidade de compromissos e tarefas diárias dos indivíduos, são poucos os indivíduos que buscam entender, planejar ou adotar mecanismos que auxiliem na gestão financeira pessoal.

No tocante à temática de finanças pessoais, cabe explorar a importância do papel que a educação financeira possui na vida das pessoas, principalmente entre os mais jovens, geralmente estudantes, diversos estudos realizados em todo o mundo demonstram que o nível de conhecimento financeiro é baixo (OECD 2013; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Indivíduos com baixo nível de conhecimento financeiro tendem a tomar decisões financeiras de poupança, investimento e empréstimo, que podem ser incorretas e onerosas (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007).

Desta forma, Klapper, Lusardi e Panos (2013) e Gudmunson *et al.*, (2015) destacam que os jovens adultos precisam estar preparados com recursos, ferramentas e educação financeira para que consigam tomar decisões financeiras assertivas, principalmente por se encontrarem em uma fase de grande importância e desenvolvimento de suas vidas, onde adquirem maior independência e

responsabilidade financeira, motivados por sua entrada no ensino superior e no mercado de trabalho.

Entretanto, é necessário que as decisões financeiras tomadas sejam de qualidade, pois podem influenciar toda a economia relacionada ao indivíduo, estando ligadas diretamente a problemas de endividamento familiar, falta de planejamento financeiro e inadimplência (VIEIRA, BATAGLIA E SEREIA, 2011). Para isso, Kiliyanni e Sivaraman (2016) definem que, é essencial o ensino financeiro na idade mais jovem, pois possibilita melhorar os resultados das decisões financeiras que serão tomadas futuramente.

Com uma maior facilidade no acesso ao mercado financeiro atualmente para os pequenos investidores, o aumento de opções de investimentos e produtos financeiros bem como maior oportunidade de crédito a estes, torna-se crucial que os indivíduos tenham capacidade de compreender, avaliar e agir da melhor maneira em virtude de seus interesses financeiros (JOHNSON E SHERRADEN, 2007; LUSARDI E TUFANO, 2009; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Quando um indivíduo não consegue gerir suas finanças pessoais, isto pode se tornar um problema até mesmo para a sociedade, onde o mesmo poderá causar dívidas a si mesmo ou a familiares, lesionando credores, bem como poderá tomar decisões financeiras sem ter o conhecimento necessário para efetuar a melhor opção. Desta forma, adquirir conhecimento financeiro influencia em vários aspectos sociais, contribuindo para uma sociedade mais desenvolvida, para o avanço e crescimento dos mercados e para a estabilidade macroeconômica (KLAPPER, LUSARDI E PANOS, 2013; CHEN E VOLPE, 1998). De acordo com o Banco de Portugal (2015), “a gestão apropriada das finanças pessoais tem benefícios diretos para os indivíduos, mas a escolha criteriosa de produtos financeiros contribui também para a estabilidade do sistema financeiro”. Sendo assim, o ensino financeiro é essencial para educar indivíduos e torna-los mais bem-sucedidos, auxiliando no controle pessoal das finanças e também contribuindo para evitar problemas financeiros futuros, que possam prejudicar não somente indivíduos isolados, mas a sociedade como um todo.

2.2 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Existem diversos termos ou nomenclaturas encontradas para tratar do ensino de finanças aos indivíduos no que se refere à literatura científica e com base no grande número de estudos que têm sido realizados nos últimos anos. Entre os termos mais utilizados, encontramos “alfabetização financeira”, “educação financeira” e “conhecimento financeiro”, os quais são muitas vezes utilizados como sinônimos na literatura, porém com algumas variações de seus conceitos entre estudos realizados por diversos especialistas financeiros (ORTON, 2007; MCCORMICK, 2009; HUNG, PARKER E YOONG, 2009; LUSARDI E TUFANO, 2009; HUSTON, 2010; OECD, 2013; ATKINSON E MESSY, 2013; KILYANNI E SIVARAMAN, 2016). Entretanto, poucos são os estudiosos que tentaram definir e diferenciar estes termos (HUSTON, 2010; REMUND, 2010).

Desta forma, destacam-se os principais conceitos de alfabetização financeira e educação financeira, encontrados na literatura, visando esclarecer e definir tais conceitos. Além disto, a literatura não apresenta uma forma padronizada na mensuração da alfabetização financeira, sendo que estes estudos variam e apontam maneiras diferentes para mensurar os níveis de alfabetização financeira, necessitando assim identificar os métodos em comum mais utilizados na literatura (HUNG, PARKER E YOONG, 2009; HUSTON, 2010; REMUND, 2010).

2.2.1 Conceitos

Com o decorrente aumento no número de investigações científicas e ao crescente interesse de governos e organizações internacionais, principalmente após a última crise mundial de 2008-2009 (LUSARDI E MITCHELL, 2014), a alfabetização financeira tem ganhado destaque mundial como um importante elemento de inclusão financeira da sociedade, de estabilidade e de desenvolvimento econômico e financeiro, o que se descreve na aprovação, desde 2010, dos Princípios de Alto Nível sobre Estratégias Nacionais para a Alfabetização Financeira, elaborados pela

Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), endossado no encontro do Grupo dos 20 (G20) (OECD, 2013).

Entretanto, pela alfabetização financeira se tratar de um termo moderno e por existir uma grande variedade de definições na literatura científica (ORTON, 2007; MCCORMICK, 2009; HUNG, PARKER E YOONG, 2009; LUSARDI E TUFANO, 2009; HUSTON, 2010; OECD, 2013; ATKINSON E MESSY, 2013; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016) torna-se difícil, desta forma, a padronização e a comparação destes estudos, conforme *Presidents Advisory Council on Financial Literacy (PACFL, 2008)*.

Remund (2010, p. 279) descreve que o conceito mais básico de alfabetização financeira começou a ser utilizado no início do século XIX, quando foi definido como a “competência de um indivíduo para administrar dinheiro”. Desde então, diversos pesquisadores, organizações e órgãos governamentais realizam estudos para a avaliação da alfabetização financeira, utilizando seus próprios conceitos e métodos de mensuração (REMUND, 2010). De acordo com Huston (2010) e Lusardi e Mitchell (2014) a alfabetização financeira e o conhecimento financeiro são ambos considerados capital humano, porém Huston (2010) destaca que seus conceitos são diferentes, sendo que a alfabetização financeira se relaciona com o conhecimento e com a capacidade de tomar decisões financeiras. Assim sendo, o conhecimento financeiro é correspondente a uma parte da alfabetização financeira, porém não é equivalente a ela. Huston (2010) descreve que um indivíduo financeiramente alfabetizado deve demonstrar conhecimento e habilidades necessárias para a tomada de decisão dentro de um mercado financeiro que todos os indivíduos enfrentam, independentemente de suas características particulares.

Em uma definição resumida, outros estudos identificam a alfabetização financeira como a capacidade de usar o conhecimento e habilidades financeiras para tomar decisões assertivas e gerir efetivamente os recursos financeiros (MOORE, 2003; PACFL, 2008; FOX E BARTHOLOMAE; 2008; GARMAN E FORGUE, 2011, P.4; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016), tais como, investimentos, empréstimos, seguros e impostos (HOGARTH, 2002).

Nidar e Bestari (2012), definem que a palavra “alfabetização” é a habilidade de ler, interpretar e escrever e a palavra “financeira” está relacionada com as finanças ou com o dinheiro, pode ser interpretada como a capacidade de administrar o dinheiro. Neste contexto, definem que a alfabetização financeira é uma competência para

conhecer, compreender e avaliar informações sobre finanças pessoais. Para Mandell (2008a, p. 163), a alfabetização financeira é especificamente a “capacidade de avaliar instrumentos financeiros novos e complexos, bem como fazer julgamentos informados tanto na escolha dos instrumentos como na dimensão de uso que seria mais adequado”. Lusardi e Tufano (2009) e Lusardi e Mitchell (2014) demonstram que um componente essencial da alfabetização financeira é a capacidade de o indivíduo gerir suas dívidas, tomando decisões simples sobre contratos de dívida e aplicando conhecimentos básicos de juros, nas escolhas financeiras do dia a dia.

Entretanto, em aspecto contrário, Johnson e Sherraden (2007) definem que a alfabetização financeira é uma ideia útil, porém não suficiente, pois muitas abordagens podem falhar sobre o conceito quando não abrangem condições externas (ambientes de aprendizagem, classes sociais e acesso a informação) que possam influenciar os indivíduos. Desta forma, os autores preferem utilizar o termo capacidade financeira, o qual está associado ao conhecimento, às competências e às habilidades financeiras, bem como à oportunidade de agir, utilizando-se de métodos pedagógicos que permitem aos indivíduos praticar e adquirir tais competências.

Contudo, vários pesquisadores contribuíram com o acréscimo de outras características e com maior detalhamento do conceito de alfabetização financeira. Conforme descrevem Xu e Zia (2012), o termo “alfabetização financeira” pode abranger conceitos de conhecimento e conscientização financeira, habilidades financeiras e capacidade de gestão de dinheiro e planejamento financeiro. Na prática, no entanto, essas noções frequentemente se sobrepõem. O Banco de Portugal (2010) também conceitua que a alfabetização financeira vai para além dos conhecimentos sobre matérias financeiras, envolvendo também a forma como esses conhecimentos afetam os comportamentos e atitudes dos indivíduos no momento da tomada de decisões.

Na avaliação de Hung, Parker e Yoong (2009), alfabetização financeira inclui: (i) uma forma específica de conhecimento; (ii) habilidades para aplicar este conhecimento; (iii) compreender este conhecimento; (iv) possuir um bom comportamento financeiro; e (v) deter experiências financeiras. Estas características podem ser dependentes entre si, desta maneira os autores demonstram que o conhecimento financeiro reflete na compreensão deste conhecimento e influencia nas habilidades financeiras as quais dependem diretamente do conhecimento financeiro do indivíduo. Assim, o comportamento financeiro é uma variável que depende de três

fatores: conhecimento, habilidade e compreensão. Ainda, cabe ressaltar que tais relações podem ser imperfeitas, pois dependem dos fatores externos e internos de cada indivíduo. É possível compreender este modelo conceitual de alfabetização financeira conforme demonstrado na Figura 1.

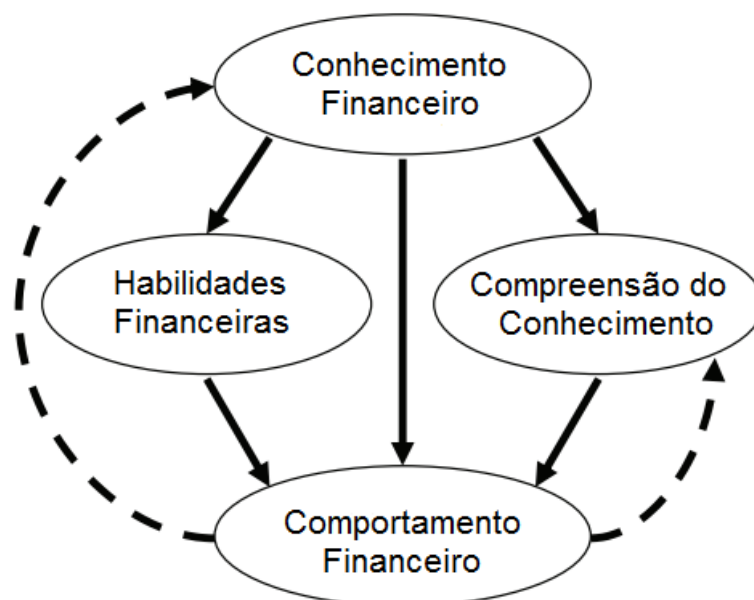


Figura 1 - Modelo Conceitual de Alfabetização Financeira
 Fonte: Adaptado de Hung, Parker e Yoong (2009).

De forma semelhante, em um conceito mais detalhado, o qual foi endossado pelos líderes do G20, a OECD - *International Network on Financial Education* (INFE) (2011), definem que a alfabetização financeira não está somente relacionada com a capacidade de usar o conhecimento e habilidades, mas também com uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, em última instância, alcançar o bem-estar financeiro individual. Ainda, em estudo posterior, onde foram analisados os resultados de 2012 do *Programme for International Student Assessment* (PISA) “Estudantes e Dinheiro: Alfabetização Financeira”, a OECD (2014) definiu alfabetização financeira como o conhecimento e a compreensão de conceitos, riscos e habilidades financeiras, bem como a motivação e confiança para aplicar tal conhecimento, a fim de permitir a tomada de decisões mais eficazes através de uma variedade de contextos financeiros, para melhorar a qualidade de vida financeira dos indivíduos e da sociedade, e para capacitar a participação na vida econômica. As áreas de alfabetização financeira abordadas pelo PISA 2012 foram: (i) dinheiro e

transações; (ii) gestão e planejamento financeiro; (iii) risco e retorno; e (iv) panorama financeiro. Além disto, destaca-se que o PISA reconhece a alfabetização financeira como uma habilidade essencial para operar na economia nos dias de hoje.

Em muitos destes estudos o conceito de alfabetização financeira não se encontra definido conceitualmente, porém é possível extrair o significado através da leitura do texto ou, em outros casos, através da maneira com que os autores mensuraram a alfabetização financeira (HUNG, PARKER E YOONG, 2009). Além disto, a falta de um conjunto padronizado de alfabetização financeira acaba por inibir um número considerável de estudos relacionados com o tema (POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016). Ressalta-se que o presente estudo adota a definição de alfabetização financeira da OECD (2011), a qual abrange as dimensões de conhecimento financeiro, comportamento e atitudes. Esta escolha tem por justificativa a ampla utilização de tal conceito em estudos recentes.

2.2.2 Mensuração da Alfabetização Financeira

A falta de padronização da alfabetização financeira não se encontra somente em seu conceito, mas também na forma de sua mensuração e avaliação (HUSTON, 2010; REMUND, 2010). Em virtude dos variados conceitos, a mensuração do nível de alfabetização financeira dos indivíduos é diversificada em torno dos estudos que contemplam este tema. Conforme Hung, Parker e Yoong (2009), a maior parte do debate se dá por conta da grande variedade, que continua por existir, em como os pesquisadores definem e mensuram a alfabetização financeira.

Conforme Huston (2010) descreve, apenas um quarto dos estudos incluem todos os componentes da alfabetização financeira, ou seja, o conhecimento financeiro, atitudes e comportamento, devendo esta abordagem construir uma pontuação para cada um destes aspectos e em seguida a definição de um indicador geral de alfabetização financeira com a combinação dos três aspectos (ATKINSON E MESSY, 2012; OECD, 2015; OECD, 2016). Diversos são os estudos onde foram apenas aplicadas questões de conhecimento financeiro (CHEN E VOLPE, 1998; CHEN E VOLPE, 2002; PENG *ET AL.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; NIDAR E BESTARI, 2012; KLAPPER, LUSARDI, E PANOS, 2013; LUSARDI E

MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016). Tais estudos abordam fatores sociais, econômicos e demográficos, que são essenciais para mensuração da alfabetização financeira e para correlacionar os níveis a determinados fatores.

Em busca de suprir esta lacuna na padronização da mensuração e avaliação da alfabetização financeira, a OECD em conjunto com a INFE, elaboraram um questionário que aborda todo o conjunto da alfabetização financeira, relacionando vários aspectos como orçamento e administração, planos de curto e longo prazo, escolha de produtos financeiros, risco e retorno, inflação, bem como relacionando aspectos sociais e demográficos, sendo este aplicado em 14 países (ATKINSON E MESSY, 2012). Em avaliação mais recente, a OECD aplicou seus questionários em 30 países, abrangendo todos os continentes (OECD, 2016).

Além disto, de acordo com a OECD (2016), avaliar o nível de alfabetização financeira dos indivíduos regularmente auxilia na identificação de tendências, bem como aumenta a base de comparação entre determinados períodos que apresentem mudanças. Contudo, destaca-se também a necessidade de a implementação de um sistema internacional de avaliação em que se permite avaliar o progresso e a comparação dos países, explorando quais abordagens são mais eficazes. Entretanto, Lusardi e Mitchell (2014) relatam que qualquer maneira de avaliar a alfabetização financeira sofrerá limitações, tais como, tipologia e quantidade da amostra, método de aplicação, forma do questionário, situação econômica em cada país avaliado, culturas diferentes, entre outros, existindo a possibilidade de que a avaliação não seja condizente com o verdadeiro conhecimento dos indivíduos.

2.2.3 Importância da Alfabetização Financeira

Ao longo dos últimos anos o setor financeiro sofreu um aumento da quantidade de produtos e serviços financeiros, bem como um aumento da complexidade dos mesmos, trazendo constantes mudanças e revolucionando o mercado financeiro (HOGARTH E HILGERT, 2002; MANDELL E KLEIN, 2007; ORTON, 2007). Logo, estudiosos reconhecem a importância do consumidor financeiro e percebem que o conhecimento financeiro é a chave para a segurança financeira moderna (MANDELL E KLEIN, 2007). Esta importância foi amplamente reconhecida na crise financeira

global de 2008-2009 (HUNG, PARKER E YOONG, 2009), após estudos demonstrarem que a falta de alfabetização financeira dos indivíduos é um dos fatores que contribui para a tomada de decisões mal informadas e que estas decisões podem, por sua vez, gerar um impacto negativo aos indivíduos e a sociedade (PENG *et al.*, 2007; ORTON, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; OECD, 2012; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Neste contexto, vários indivíduos, principalmente os mais jovens, desejam possuir maior conhecimento financeiro (LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010).

Desta forma, Nidar e Bestari (2012) descrevem que as sociedades com níveis insuficientes de educação financeira são menos conscientes dos riscos, condicionando assim que tais economias não seriam facilmente afetadas pela crise se os indivíduos possuíssem capacidade para compreender o sistema financeiro. Esta afirmação pode se confirmar pelo estudo de Klapper, Lusardi e Panos (2013), realizado com a população russa, onde os resultados mostram que indivíduos com maior conhecimento financeiro foram menos propensos a relatar terem sofrido algum choque na renda durante a crise de 2009, bem como apresentaram maior disponibilidade de renda e retenção de gastos em relação ao ano de 2008, mostrando que a alfabetização financeira também está ligada à estratégias específicas para lidar com choques macroeconômicos.

A aprendizagem financeira deve ser verdadeiramente um esforço de toda a vida, e nunca é cedo demais para começar a aprender, sendo assim o PACFL (2008) descreve que, “as habilidades básicas de alfabetização, incluindo a alfabetização financeira, são os alicerces do desenvolvimento e da autossuficiência, que precisam ser estabelecidas logo nos primeiros anos da vida das crianças para impactar seu futuro desenvolvimento.” Wachira e Kihui (2012) destacam que a alfabetização financeira auxilia na capacitação e educação dos indivíduos de modo que detenham informação financeira e que esta seja relevante para suas vidas, lhes permitindo uma vida financeira segura e uma maior facilidade no processo de tomada de decisões, tornando assim um uso mais efetivo de produtos e serviços financeiros.

No âmbito universitário, em um estudo realizado nos Estados Unidos, Chen e Volpe (1998) destacam que é importante aprimorar o conhecimento financeiro dos universitários, pois a incompetência limitará a capacidade de estes tomarem decisões financeiras assertivas, ficando propensos a cometer erros quando estiverem lidando com situações do cotidiano (CHEN E VOLPE, 1998; HUNG, PARKER E YOONG,

2009; GUDMUNSON *et al.*, 2015). Os jovens se encontram em um momento-chave de suas vidas e desta forma, prover ensino financeiro neste momento é fundamental e serve como um trampolim para a construção do conhecimento financeiro ao longo da vida, onde futuramente estarão preparados para lidar com outros momentos-chaves, tal como a aquisição de algum imóvel, aposentadoria, entre outros (GUDMUNSON *et al.*, 2015).

Além disto, a alfabetização financeira se torna ainda mais relevante quando o assunto é aposentadoria. Poucos são os indivíduos que investem na aquisição de conhecimento financeiro durante a vida e acabam por vezes não se preparando para o futuro. Desta forma, podem tomar diversas decisões incorretas em uma altura da vida onde muitas vezes já não é mais possível obter outras formas de rendimento, tornando elevado o custo desta ignorância financeira (LUSARDI E MITCHELL, 2014). Entretanto, cabe ressaltar que por mais importante que seja a alfabetização financeira e que exista o aconselhamento ou ensino financeiro, este pode não ter grande impacto se os indivíduos não conseguirem buscar e agir de acordo com as recomendações que lhes foram fornecidas (LUSARDI E MITCHELL, 2014), ressaltando assim a necessidade do acompanhamento do desenvolvimento destes indivíduos.

A ampliação da oferta de ensino financeiro em escolas, universidades e empresas resultaria assim uma grande quantidade de indivíduos alfabetizados financeiramente, os quais podem exercer pressão competitiva sobre reguladores financeiros e instituições financeiras para melhorar a eficiência e qualidade dos serviços, a fim de obter serviços e produtos financeiros mais apropriados e transparentes, bem como melhorar as atitudes de uma sociedade em geral, o mercado e a estabilidade macroeconômica, sendo que estes indivíduos passarão a possuir capacidade para comparar opções e realizar perguntas e negociações mais efetivas (OECD, 2012; WACHIRA E KIHU, 2012; NIDAR E BESTARI, 2012; KLAPPER, LUSARDI E PANOS, 2013). Além disto, a alfabetização financeira que visa melhorar o nível de conhecimento e habilidades de uma pessoa, pode e deve ser adaptada para diferentes demografias, estágios de vida e estilos de aprendizagem, não se limitando a uma única forma de abordagem (HUSTON, 2010).

2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira é a base para a formação financeira dos indivíduos sendo também elemento essencial e componente chave para a alfabetização financeira. Huston (2010) conceitua a educação financeira como “um elemento destinado a aumentar o capital humano de uma pessoa, especificamente o conhecimento financeiro e a sua aplicação (ou seja, alfabetização financeira).” De acordo com Anderloni e Vandone (2010), a educação financeira é uma medida preventiva, onde permite-se que os indivíduos tenham condições de compreender problemas financeiros e que gerenciem suas finanças pessoais com qualidade, evitando o endividamento. Com uma definição mais abrangente do conceito, a OECD (2005) descreve a educação financeira como:

“Processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.” (OECD, 2005, p. 13).

Desta forma, é possível compreender que tal conceito relaciona-se com a capacidade de um indivíduo obter conhecimento financeiro e aplicá-lo no seu cotidiano através da tomada de decisões. Bem como, quando tal educação é adquirida e constantemente aprimorada, os indivíduos podem utilizar-se da mesma para organizar um planejamento financeiro que garanta a utilização correta de seus rendimentos e que possuam equilíbrio em suas finanças pessoais (LIZOTE E VERDINELLI, 2014).

Entretanto, tal conceito se confunde com o termo alfabetização financeira, o qual passou a ser utilizado com maior frequência em estudos recentes (ORTON, 2007). Sendo assim, é necessário ressaltar as diferenças encontradas em ambos os conceitos e principalmente compreender que os mesmos são partes integrantes de todo um conjunto que forma o indivíduo financeiramente alfabetizado.

2.3.1 Alfabetização Financeira *Versus* Educação Financeira

Um termo comumente utilizado é o termo educação financeira. Entretanto, o termo alfabetização financeira, considerado moderno, tem ganhado mais evidência nos estudos recentes. Intuitivamente, baseado no uso cotidiano de termos como educação e alfabetização, supõe-se que a educação financeira leva a alfabetização. Porém, na prática, este significado não é tão claro, onde a causa e efeito da relação entre estes dois termos é limitada (ORTON, 2007; HUSTON, 2010). Isto se deve em partes pelo fato de os estudos não possuírem dados adequados (HUNG, PARKER E YOONG, 2009).

São poucos os estudos capazes de ter um construto sofisticado para mensurar a alfabetização financeira e estabelecer alguma ligação entre educação, alfabetização e comportamento (HUNG, PARKER E YOONG, 2009). Em análises e avaliações de outros estudos, Huston (2010) identificou três barreiras principais para o desenvolvimento da padronização na abordagem de mensuração da alfabetização financeira, como: (i) a falta de conceituação e definição do construto da alfabetização financeira; (ii) a forma e conteúdo de um instrumento de avaliação; e (iii) um instrumento de interpretação. Sendo destacado o primeiro como o mais importante. De acordo com o PACFL (2008), onde se busca diferenciar estes termos, educação financeira e alfabetização financeira são definidas como:

- Educação Financeira: processo pelo qual os indivíduos melhoram ou desenvolvem o entendimento a respeito de produtos financeiros, serviços e conceitos, logo são capazes de tomar decisões com consciência, evitando perdas, sabendo qual caminho seguir para obter ajuda e tomar outras ações para melhorar o bem-estar financeiro atual e a longo prazo.
- Alfabetização Financeira: habilidade para usar tal conhecimento e habilidades para gerir os recursos financeiros com efetividade para obter bem-estar financeiro para toda a vida.

Além disto, a alfabetização financeira em si possui diversos conceitos entre os mais variados estudos, não havendo também uma padronização deste único termo. Entretanto é necessário destacar que tais termos não são sinônimos, porém, são

complementares: a educação financeira é necessária para que se dê a alfabetização financeira.

2.4 PERSPECTIVAS DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

Apesar de recente, a alfabetização financeira obteve grande ampliação do seu campo de estudo nos últimos anos e em diversas pesquisas, mesmo com a falta de padronização de mensuração, sendo que muitos autores evidenciaram baixos níveis de alfabetização financeira em diversos países estudados (HUNG, PARKER E YOONG, 2009; ATKINSON E MESSY, 2012; LUSARDI E MITCHELL, 2014; OECD, 2015), principalmente entre os jovens estudantes (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; BANCO DE PORTUGAL, 2011; NIDAR E BESTARI, 2012; MENDES, 2013; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; VIEIRA, KUNKEL, CAMPARA E PARABONI, 2016; OECD, 2017).

Ao analisar diversos estudos internacionais, Lusardi e Mitchell (2014) destacam as principais áreas de conhecimento que estão relacionados com os baixos níveis de alfabetização financeira, as quais são: (i) poucas conseguem responder corretamente as questões básicas de conhecimento financeiro; (ii) o conhecimento dos indivíduos a respeito da inflação está relacionado com a experiência histórica de cada país; e (iii) o conceito de diversificação do risco é o que há maior dificuldade de compreensão, onde a maioria opta por responder “não saber” quando questionadas. Respondentes que optam pela alternativa “não sei” normalmente possuem baixos níveis de alfabetização financeira (LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010).

Com o objetivo de avaliar o conhecimento financeiro dos estudantes ao redor do mundo, foi implementado no ano de 2012 na avaliação do PISA da OECD, o tema alfabetização financeira, afim de compreender os níveis dos estudantes de ensino fundamental e médio, buscando elucidar qual a situação atual dos países e o que pode ser feito para elevar tais resultados. Esta avaliação permitiu comparar os resultados de estudantes de diversas nações, com o objetivo de identificar as diferenças entre elas e buscando soluções para o melhor desempenho dos

estudantes, fazendo com que o PISA assumisse a posição de que a alfabetização financeira é habilidade necessária para ser capaz de operar na economia atual (LUSARDI E MITCHELL, 2014).

De acordo com o último estudo publicado pela OECD, o qual demonstrou os resultados encontrados com a avaliação de jovens estudantes do PISA 2015, o Brasil apresentou níveis muito baixos de alfabetização financeira, ocupando a última colocação em comparação com outros países de vários continentes (OECD, 2017). Ressalta-se que entre os 15 países avaliados, apenas Bélgica, Rússia e Austrália obtiveram níveis satisfatórios de acordo com a média proposta pela OECD. O Banco de Portugal também vem realizando a avaliação dos portugueses baseado em questões que permitem comparar os resultados internacionalmente com um conjunto de outros 30 países, incluindo os países da OECD (BANCO DE PORTUGAL, 2016). Diante disto, na verificação dos resultados da avaliação da OECD 2015, o Brasil obteve 12,1 pontos no indicador global de alfabetização financeira (OECD, 2016; BANCO DE PORTUGAL, 2016). Os resultados dos países avaliados pela OECD no ano 2015 podem ser visualizados na Figura 2 abaixo.

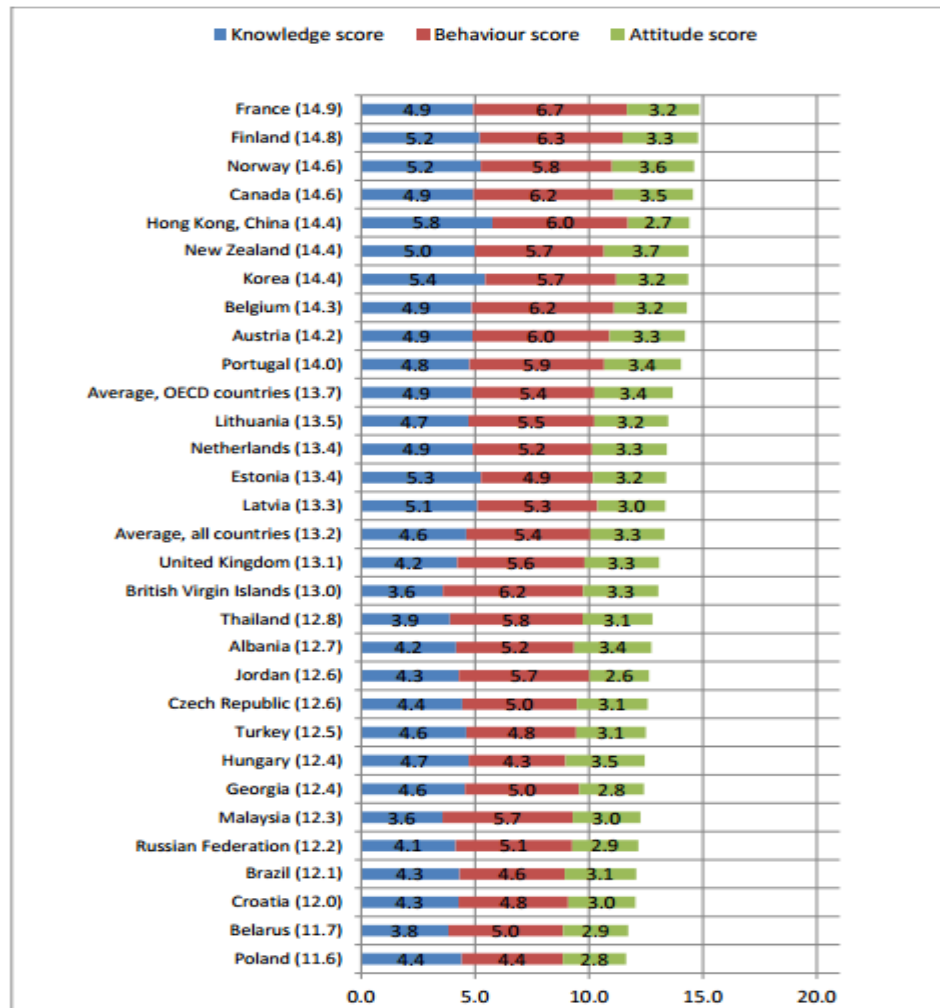


Figura 2 - Conhecimento financeiro, atitudes e comportamento (pontuação média)
 Fonte: OECD, (2016).

No cenário brasileiro, é possível encontrar estudos relacionados com a alfabetização financeira na literatura existente, destacando que grande parte dos mesmos são recentes. Entretanto, é possível mencionar que os baixos níveis de alfabetização financeira dos brasileiros são evidencia comum entre eles (DONADIO, CAMPANARIO E RANGEL, 2012). De acordo com Potrich, Vieira e Kirch, (2016), em pesquisa realizada com 1.067 indivíduos do Estado do Rio Grande do Sul, a grande maioria apresentou baixos níveis de alfabetização financeira, destacando que indivíduos pertencentes ao gênero feminino, que possuem dependentes e com menores níveis de escolaridade e de rendas própria e familiar são os que apresentam maior propensão a pertencer ao grupo com baixo nível de alfabetização financeira. Na pesquisa de Vieira *et al.*, (2016), realizada com 810 discentes de ensino superior, também foram encontrados níveis insatisfatórios de alfabetização financeira.

Estudos também evidenciam baixos níveis de alfabetização financeira de discentes de cursos relacionados com a área de finanças, tais como administração, economia e contabilidade (ALVES, SILVA E BRESSAN, 2011; DO NASCIMENTO, MACEDO, DE SIQUEIRA, E BERNARDES, 2016). Estes resultados contrariam as expectativas dos pesquisadores, por se tratar de discentes que no decorrer da jornada acadêmica relacionam-se diretamente com cálculos financeiros e conceitos econômicos, ou seja, era suposto deterem um nível de alfabetização acima da média.

Em virtude dos resultados encontrados pelo mundo, diversos são os fatores que podem influenciar nos níveis de alfabetização financeira dos indivíduos, dentre eles encontram-se os fatores socioeconômicos, evidenciados por diversos autores (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *ET AL.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; OECD, 2017).

2.4.1 Fatores Socioeconômicos

Nos estudos realizados em países de continentes diferentes, notou-se que fatores demográficos e socioeconômicos são os principais componentes que tendem a influenciar o nível de alfabetização financeira dos indivíduos (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016; OECD, 2017). De acordo com Potrich, Vieira e Kirch (2016), as principais variáveis analisadas são: (i) gênero; (ii) idade; (iii) estado civil; (iv) ocupação; (v) quantidade de dependentes; (vi) grau de escolaridade do indivíduo e familiares; e (vii) renda pessoal. Entretanto, Peng *et al.* (2007) e Lusardi, Mitchell e Curto (2010) relatam que embora algumas variáveis estejam relacionadas com o conhecimento financeiro dos indivíduos, deve ser levado em consideração que são uma resposta alternativa para além da educação financeira, experiência profissional e fatores econômicos relacionados a estes indivíduos.

A alfabetização financeira possui variações e mudanças ao longo do ciclo da vida. Desta forma, evidencia-se que a idade também influencia os níveis de alfabetização financeira, e de fato é possível concluir que os níveis mais baixos são normalmente encontrados entre jovens e idosos (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *ET AL.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014; BANCO DE PORTUGAL, 2015; POTRICH,

VIEIRA E KIRCH, 2016). De acordo com Kiliyanni e Sivaraman (2016), o número de acertos nas avaliações de alfabetização financeira tende a ser maior conforme a idade aumenta em grupos de indivíduos de até 26 a 29 anos, após esta idade o número de acertos passa a ficar estagnado em torno de 50%.

O gênero também está relacionado com os níveis de alfabetização financeira, e é uma variável amplamente evidenciada em pesquisas, onde mulheres tem maior probabilidade de responder incorretamente questões de alfabetização financeira, bem como são mais propensas a dizer que “não sabem” alguma resposta em comparação com homens, destacando que tais resultados possuem notável consistência entre a análise de países (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILYANNI E SIVARAMAN, 2016). De acordo com OECD (2017), dos 30 países participantes da organização, em 19 os homens são mais propensos a responder corretamente mais questões de conhecimento financeiro do que as mulheres. Isto pode se justificar pelo fato de o gênero masculino ter uma tendência de estar relacionado com a parte das finanças da família, ou por buscar conhecimento financeiro e administrar as finanças, ao contrário do que normalmente acontece com o gênero feminino, conforme estas pesquisas evidenciam claramente.

De acordo com Lusardi e Tufano (2009), a alfabetização financeira também varia fortemente com a renda, bem como com o tipo de trabalho dos indivíduos. Em todo o mundo a alfabetização financeira é normalmente maior para indivíduos empregados do que para desempregados, destacando que, a alfabetização financeira é ainda maior para trabalhadores independentes (empresários/autônomos), o que pode ser resultado do que se aprende no dia a dia do trabalho, ou seja, da experiência profissional (CHEN E VOLPE, 1998; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Corroborando com esta afirmação, Peng *et al.* (2007) destacam que indivíduos com seis ou mais anos de experiência profissional possuem níveis consideravelmente elevados de alfabetização financeira em comparação à indivíduos sem experiência. No contexto de renda, quanto maior for, maiores são as possibilidades de o indivíduo ter níveis elevados de conhecimento financeiro e possuir maiores valores em poupança, devendo ser considerado também as rendas de agregados familiares, os quais também somam com perspectivas individuais (PENG *et al.*, 2007; ATKINSON E MESSY, 2012).

O maior acesso à informações financeiras e o maior nível de escolaridade são claramente fortes determinantes da alfabetização financeira. Ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, maior é a alfabetização financeira (LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016). Além disto, nota-se que indivíduos que frequentam cursos relacionados com finanças e negócios demonstram maior alfabetização financeira do que outros (KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016). Pesquisadores também encontraram diferenças substanciais no conhecimento financeiro de acordo com a escolaridade: especificamente, aqueles que não possuem ensino superior são muito menos propensos a compreender conceitos financeiros avançados como a diversificação de risco (LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016).

A literatura também aponta para diferenças nos níveis de alfabetização financeira, a qual é fortemente correlacionada com o nível de educação familiar, mais especificamente dos pais ou responsáveis pela educação (MANDELL, 2008; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Isto indica que a família é a fonte mais importante de conhecimento financeiro e gestão das finanças pessoais em um primeiro momento, desempenhando um papel vital na busca de um exemplo para os indivíduos (NIDAR E BESTARI, 2012).

Diferenças geográficas também são notadas como importantes fatores para a alfabetização financeira, onde em um mesmo país é possível notar grandes diferenças quando comparadas duas regiões (LUSARDI E MITCHELL, 2014). Além disto, questões políticas e econômicas de determinados países podem influenciar também a alfabetização financeira, sendo importante considerar as medidas tomadas para que todo o contexto local não sofra interferências negativas no aprendizado dos indivíduos.

2.5 INICIATIVAS A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Em um primeiro momento, a educação financeira é adquirida através de familiares, amigos ou interações com outras pessoas. Entretanto, algumas vezes a falta de conhecimento financeiro destes indivíduos pode não corroborar com o

desenvolvimento do conhecimento financeiro (MITCHELL E CURTO, 2010). Para sanar a insuficiência de conhecimento financeiro, houve a criação de programas de educação financeira, elaborados especificamente para melhorar a alfabetização financeira e para servir como solução para a mitigação de problemas financeiros que indivíduos e famílias possam vir a enfrentar (HUSTON, 2010). Embora o campo de estudo da alfabetização financeira seja novo, é notável o número de programas criados nos últimos anos (ORTON, 2007).

Diversos países passaram a adotar programas de educação financeira ao longo dos últimos anos, objetivando aprimorar e oferecer maior acesso ao conhecimento financeiro, sendo aplicado em vários formatos e ambientes, como em escolas, ambiente de trabalho, bibliotecas e em subgrupos específicos da população. Em alguns países, como no caso dos Estados Unidos da América (EUA), alguns estados passaram a adotar o ensino da educação financeira nas escolas para alunos do ensino médio, o que serviu de exemplo para outros países, tal como o Brasil, o qual passou a adotar nos últimos anos a educação financeira nas escolas (PENG *et al.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014).

No Brasil, algumas ações estão sendo promovidas, especialmente pelo Banco Central (BACEN) e pelo Governo Federal, através da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), onde no ano de 2010 assinou-se o acordo de desenvolvimento do ensino financeiro no Brasil (POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016). Desde o ano de 2012 a ENEF, em conjunto com a Associação de Educação Financeira – Brasil (AEF), emite relatórios anuais com informações da aplicabilidade do programa de educação financeira no Brasil para estudantes do ensino fundamental e médio. Diversas instituições de ensino superior e secretarias de ensino estaduais e municipais aderiram ao programa. Desta forma, até o ano de 2016 o programa já está sendo aplicado em 25 estados e no Distrito Federal, abrangendo 2.734 escolas, com 8.393 professores capacitados ao ensino financeiro, e resultando na aplicação do programa para mais de 275 mil alunos no país (ENEF, 2017). Além disto, no ano de 2016 a ENEF iniciou o programa com mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família atendidas pelo Ministério de Desenvolvimento Social e aposentados com renda de até dois salários mínimos atendidos pelo Ministério da Previdência Social, ressaltando que os resultados serão divulgados no relatório de 2017 (ENEF, 2017).

De acordo com Alves, Silva e Bressan (2011), em virtude de tamanha importância dos conhecimentos em finanças pessoais na formação de profissionais e

a relevância do tema para o desenvolvimento econômico-social do Brasil, os resultados do trabalho da ENEF podem ser de fundamental importância para embasar o futuro desdobramento da estratégia para matrizes curriculares de universidades brasileiras. Além disto, a ENEF declara que de acordo com o Banco Mundial, jovens educados financeiramente podem contribuir para o crescimento de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) dos países, que no caso do Brasil possa ter grande relevância tal fato, pois em análise aos resultados mostra que os alunos que tiveram acesso ao programa melhoraram positivamente a atitude financeira (ENEF, 2017).

Desta forma, é evidente a importância que a educação financeira possui sobre a sociedade, e em virtude disto, é necessário destacar que o país desenvolve ações no sentido de divulgar o ensino financeiro a toda população através de programas e conferências voltados ao ensino financeiro dos indivíduos, bem como premiações para os melhores projetos de educação financeira em escolas. A alfabetização financeira não é apenas mais um tema recente, mas sim uma necessidade evidente em todo o mundo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo compreende os processos e metodologias utilizadas para atender os objetivos propostos, dividindo-se em: (i) enquadramento metodológico; (ii) procedimentos para a seleção da amostra; (iii) procedimentos para a coleta dos dados; e (iv) procedimentos para a análise dos dados.

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Para que possam ser alcançados os objetivos de uma pesquisa, é necessário que se defina seu enquadramento metodológico e os procedimentos a serem utilizados na pesquisa. (LAMY, 2011; GIL, 2002). O presente estudo possui como natureza a pesquisa descritiva, a qual conforme Gil (2008, p. 28), tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis, destacando ainda as pesquisas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, entre outras. Sendo assim, este tipo de pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem a interferência do pesquisador (MORESI, 2003; PRODANOV E FREITAS, 2013), utilizando técnicas padronizadas e processos sistematizados para coletar dados (GIL, 2002). Desta forma, o estudo buscará identificar características dos indivíduos, assim como tentará relacionar as semelhanças e diferenças socioeconômicas com relação ao nível de alfabetização financeira.

O método de investigação que será utilizado pelo presente estudo tem abordagem qualitativa e quantitativa, pois para a investigação não caberá apenas a análise de dados estatísticos, mas também a interpretação dos mesmos em informações não numéricas. Moresi (2003) descreve que a pesquisa qualitativa normalmente é seguida de uma análise quantitativa, sendo comum que os pesquisadores não diferenciem ambas as abordagens, pois consideram que a pesquisa quantitativa é também qualitativa (MORESI, 2003; PRODANOV E FREITAS,

2013). Busca-se descobrir ou afinar as perguntas da investigação, compreender uma realidade ainda não descrita completamente, apresentando a necessidade de indicar uma abordagem investigativa e não uma teoria exata (LAMY, 2011).

Já a pesquisa com abordagem quantitativa é utilizada para mensurar informações de diversos tipos, caracterizando-se pelo emprego da quantificação (MORESI, 2003). Gil (2008) descreve que uma pesquisa quantitativa considera que tudo possa ser contável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, utilizando-se de recursos e de técnicas estatísticas. Essa forma de abordagem é empregada em vários tipos de pesquisas, inclusive nas descritivas, principalmente quando buscam a relação causa-efeito entre os fenômenos e também pela facilidade de poder descrever a complexidade de determinado problema (PRODANOV E FREITAS, 2013). A utilização da abordagem quantitativa é bastante comum em estudos de levantamento ou *survey*, onde busca compreender através de uma amostra o comportamento de uma determinada população (RAUPP E BEUREN, 2003). No presente estudo, a pesquisa quantitativa será utilizada para a coleta e análise dos dados.

Um dos principais instrumentos para a coleta de dados é o questionário, o qual é uma ferramenta para a coleta de dados primários e que, conforme Moresi (2003), constitui-se de uma série de perguntas, apresentadas de forma sistemática e sequencial e dispostas em categorias específicas. Assim, foi desenvolvido um questionário para a coleta de dados, o qual foi aplicado aos discentes de contabilidade no Brasil, para que então fosse possível identificar as características socioeconômicas, de forma a alcançar os objetivos propostos pelo estudo. Sendo assim, em seguida foi realizada a análise dos dados. Os itens referentes aos procedimentos de coleta e análise dos dados serão explanados com maior ênfase nas seções 3.3 e 3.4.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA A SELEÇÃO DA AMOSTRA

A presente pesquisa foi desenvolvida para avaliar o nível de alfabetização financeira dos discentes em contabilidade, relacionando-o com fatores

socioeconômicos que possam vir a exercer alguma influência em determinado nível. Em virtude disto, a escolha do curso de contabilidade para a elaboração do estudo está condicionada ao fato de os discentes possuírem formação relacionada com a área das finanças, bem como no decorrer da formação adquirem a capacidade de gerir financeiramente uma empresa, através de disciplinas que estão relacionadas com cálculos financeiros e gestão financeira, desta forma, existindo expectativa de que os resultados encontrados sejam acima da média do que é usualmente encontrado para outra amostra de respondentes, considerando que a avaliação está relacionada com questões básicas de finanças.

Sendo assim, o público-alvo do questionário são os discentes de ensino superior em contabilidade do 1º ao 4º ano da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Faculdade de Pato Branco (FADEP) localizados na cidade de Pato Branco, Paraná, Brasil, a fim de identificar quais são as características socioeconômicas entre os discentes, e qual é a influência que isto pode causar no nível de alfabetização financeira dos mesmos. Apesar de não ser possível aplicar o questionário à totalidade dos discentes de cada instituição, a amostra foi selecionada ocasionalmente no período das aulas aos discentes presentes, o que, de acordo com Gil (2002, p. 121), quando isto acontece os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo.

A partir da seleção da amostra, foi possível elaborar e aplicar o questionário deste estudo, sendo os procedimentos para a coleta detalhados na próxima seção.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO E COLETA DOS DADOS

Para o desenvolvimento da pesquisa e o alcance dos objetivos, a coleta e a análise dos dados permite a identificação dos níveis de alfabetização financeira e a identificação de quais são as características socioeconômicas dos discentes. O processo para a elaboração e coleta de dados se dá por etapas, sendo estas: (i) elaboração do questionário com base na literatura; (ii) seleção do público alvo; (iii) pré-teste; e (iv) aplicação do questionário.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 202), a elaboração de um questionário requer a observação de normas precisas, buscando aumentar a sua eficácia e validade, consistindo basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos (GIL, 2002, p. 116). Após a revisão de literatura, foi possível elaborar um questionário condizente com todos os conceitos abordados na alfabetização financeira, tais como o conhecimento, atitudes e comportamento (OECD, 2011). Em virtude da falta de padronização acerca da avaliação da alfabetização financeira, e da dificuldade em elaborar um bom questionário, levou-se em consideração a importância e o peso disto sobre o resultado final do trabalho, fazendo com que o questionário fosse embasado em outros estudos do gênero, de âmbito nacional e internacional, e que buscassem avaliar o nível de alfabetização financeira dos indivíduos.

Desta forma, elaborou-se o questionário utilizando a ferramenta de edição de textos Microsoft Word. Também optou-se pelo anonimato dos respondentes afim de evitar possíveis constrangimentos e inibições para a participação no trabalho.

O questionário é, portanto, constituído por questões optativas fechadas com resposta única e questões de escala Likert. De acordo com Bozal (2005), o formato Likert é uma escala que foi criada por Rensis Likert em 1932, a qual supõe que todos os itens meçam com a mesma intensidade a atitude desejada, a qual recebe uma pontuação, que varia normalmente de 1 a 5, e que é muito utilizada na elaboração de questionários.

O questionário possui no total 29 questões e está subdividido em quatro grupos, sendo eles: (i) perfil do respondente; (ii) conhecimento financeiro; (iii) atitudes; e (iv) comportamento.

A primeira parte do questionário envolve o Grupo I e foi elaborada pelo autor com base na literatura científica, tendo observância aos aspectos mais relevantes dos dados socioeconômicos dos respondentes. O Grupo I busca identificar qual é o perfil do respondente, evidenciando suas características socioeconômicas através de 10 questões sobre gênero, idade, estado civil, renda mensal, ano que está matriculado no curso de contabilidade e também é realizada uma questão de autoanálise sobre o conhecimento de finanças pessoais.

Este grupo encontra-se em diversas pesquisas relacionadas com o tema da alfabetização financeira, principalmente por ser componente fundamental para análise dos resultados, onde buscou-se relacionar se estes fatores socioeconômicos

possuem alguma influência aos resultados das respostas obtidas nos grupos II, III e IV, que serão detalhados a seguir. Além disto, o grupo conta com uma questão de auto avaliação, a qual permite uma comparação com o resultado obtido, fazendo com que desta forma possa ser observada qual é a percepção individual dos respondentes em ambos os países em contraponto ao seu conhecimento real.

Os Grupos II, III e IV são compostos por questões já utilizadas em outros estudos de âmbito nacional e internacional, cujo objetivo é mensurar e avaliar o nível de alfabetização financeira dos indivíduos, estudos que abordam diversos tópicos relacionados com a alfabetização financeira, tais como: cálculo financeiro, taxa de câmbio, investimentos, impostos, cálculo de juros, inflação, entre outros. O Quadro 1 apresenta uma melhor visualização dos estudos, autores e aspectos principais utilizados para a elaboração dos grupos II, III e IV do questionário.

Conhecimento Financeiro		
Autores	Questões	Tópico
Chen & Volpe (1998)	1	Investimentos; Cálculo de Juros; Taxa de Juros; Cálculo Financeiro
Lusardi & Tufano (2009)	1	Empréstimo; Cálculo de Juros; Taxa de Juros; Cálculo Financeiro
Klapper <i>et al.</i> (2013)	1	Inflação
Lusardi <i>et al.</i> (2010)	1	Diversificação do Risco
Lucci <i>et al.</i> (2006)	1	Investimentos; Aposentadoria; Taxa de Juros; Cálculo Financeiro
Chen & Volpe (1998)	1	Seguros
Jump\$stars Survey (2008)	1	Imposto sobre o rendimento
Mendes (2013)	1	Taxa de câmbio
Volpe <i>et al.</i> (1996)	1	Cálculo financeiro
Potrich <i>et al.</i> (2015)	1	Investimentos

Quadro 1 – Questões de alfabetização financeira utilizadas em estudos anteriores
Fonte: Elaboração própria (2017).

Nesse âmbito, os conceitos apresentados pelos autores foram utilizados na elaboração do questionário, conforme o objetivo de cada grupo de questões.

O Grupo II está relacionado com as questões de conhecimento financeiro. São 10 questões optativas e fechadas, contendo somente uma alternativa correta, que tratam de tópicos como: cálculo financeiro, inflação, taxa de juros, investimentos, valor do dinheiro no tempo, taxa de câmbio, impostos sobre o rendimento, diversificação do risco, empréstimo e seguros.

O Grupo III busca identificar as atitudes dos discentes. São apresentadas 4 questões de escala Likert, para identificar a atribuição do grau de importância pessoal percebido pelo respondente em cada questão, contendo 6 opções, onde 0 significa “Nada importante” e 5 significa “Muito importante”.

O Grupo IV identifica o comportamento dos discentes com relação a situações pessoais relacionadas com as finanças. Neste grupo constam 5 questões de escala Likert, onde deve ser classificada qual a opção tomada pelo respondente, contendo também 6 opções, onde 0 representa “Nunca” e 5 representa “Sempre”.

Entre as alternativas disponíveis nas questões, foi acrescentado a opção “Não sei” nos grupos de conhecimento, atitude e comportamento. A opção de adicionar esta alternativa está fundamentada em outros estudos, baseando-se no fato de eliminar a necessidade de forçar o respondente a adivinhar a resposta caso não soubesse qual seria a alternativa correta (ANSONG, 2011). Além disto, os respondentes que optam pela alternativa normalmente apresentam baixos níveis de alfabetização financeira (LUSARDI, MITCHELL, E CURTO, 2010).

Após a elaboração primária do questionário, realizou-se um pré-teste para avaliar e encontrar possíveis falhas no questionário que implicariam em alterações do mesmo. De acordo com Gil (2002, p. 120), somente após o pré-teste é que o instrumento de pesquisa estará validado para o levantamento dos dados, ressaltando que o mesmo não serve para atingir os objetivos do trabalho, mas sim para a avaliação do instrumento de coleta como tal. Além disto, Marconi e Lakatos (2003, p. 203) descrevem que o pré-teste evidenciará as inconsistências ou dificuldades de interpretações das questões, o tempo e numerosidade questionada, bem como a linguagem inacessível, o que neste caso é de suma importância que as questões possuam o mesmo significado para todos os respondentes em ambos os países. Destaca-se que o pré-teste deve ser aplicado a uma população com características

semelhantes às do público alvo, não podendo ser aplicado diretamente ao público-alvo para que sejam evitados possíveis vieses na aplicação do questionário final.

Desta forma, o pré-teste foi primeiramente enviado aos professores, para que pudessem sugerir alterações nas questões visando melhorar a interpretação dos respondentes. Após esta primeira etapa, foram selecionados um grupo de 14 respondentes do Brasil. Os grupos possuíam respondentes com conhecimentos nas áreas de contabilidade, economia e finanças, e alguns possuíam experiência profissional. Em um primeiro momento foram encontradas algumas dificuldades de interpretações dos respondentes, desta forma algumas questões foram revisadas e alteraram-se alguns pontos que esclarecessem a interpretação.

O tempo de resposta também foi fundamental para o desenvolvimento do questionário, em função de que a aplicação dos questionários ocorreria durante o período de aulas dos discentes, aquando poderia não haver concordância e aceitação em responder um questionário demasiado extenso. Sendo assim, para melhor aplicabilidade e obtenção de um maior número de respondentes, o questionário foi elaborado visando englobar diversos tópicos de finanças em uma quantidade de questões razoáveis em virtude que pudesse ser aplicado aos alunos em uma média de tempo de 15 minutos. No pré-teste foi verificado que o tempo de resposta variava entre 10 e 20 minutos, estando de acordo com o desejável. Após a validação, resultou-se nas versões finais dos questionários que podem ser visualizados no anexo A do presente estudo.

Com o questionário validado, procedeu-se então a aplicação aos respondentes. A aplicação foi realizada com os questionários impressos, diretamente nas salas de aula dos discentes, com a autorização dos professores correspondentes. Além das orientações descritas no cabeçalho do questionário, foi informado a todos os respondentes que respondessem com o máximo de sinceridade possível e se por acaso não soubessem alguma resposta que optassem pela alternativa “Não sei”, evitando também perguntar a resposta ou copiar de outro respondente. O período de coleta dos dados foi realizado nos meses de Maio e Junho de 2017.

No total foram coletados 212 questionários. Em virtude de evitar possíveis interpretações incorretas, e demonstrar maior fidedignidade ao trabalho, foi necessária a eliminação de alguns questionários, em virtude de erros de preenchimento, tais como a duplicidade de respostas marcadas e também falta de

questões respondidas. Conforme demonstrado na Tabela 1, do total de questionários coletados, 18 foram eliminados.

	Aplicados	Eliminados	Válidos
Total	212	18	194

Tabela 1 – Questionários coletados

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Após realizada a aplicação do questionário, foi feito o processo de tabulação e análise dos dados coletados, o qual encontra-se detalhado na seção seguinte.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Com base nos dados coletados, é possível realizar o tratamento e análise destes. Para Gil (2002, p. 125), este processo envolve alguns procedimentos, como a tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Em virtude disto, a análise se dará por meio de avaliação qualitativa e quantitativa, onde é necessário evidenciar e comparar as informações, aplicando testes estatísticos para obter a correlação das respostas com um determinado nível de confiança.

A tabulação dos dados para este estudo foi realizada através da ferramenta de *software* estatístico IBM® SPSS 23, de maneira a facilitar a análise dos resultados obtidos. Utilizou-se também a ferramenta de edição de planilhas Microsoft Excel para a realização de gráficos e tabelas. Para Gil (2002, p. 126), a tabulação eletrônica é essencial para garantir a análise em tempo razoável e de forma eficiente. Após reunir todas as informações com os dados já tabulados e organizados, procedeu-se a realização da análise de confiabilidade das questões cuja as alternativas de resposta eram em escala Likert (Grupos III e IV) a fim de determinar se os dados coletados são confiáveis e consistentes.

De acordo com Field (2009, p. 593), a confiabilidade significa apenas que a escala deve, consistentemente, refletir o construto que está medindo. Para este teste de confiabilidade utilizou-se o Alfa de Cronbach, a qual é considerada a medida mais comum de confiabilidade para este tipo de análise. O alfa mede a correlação entre

respostas em um questionário através da análise do perfil do conjunto das respostas dadas pelos respondentes. Trata-se de uma correlação média entre as perguntas e as respostas dadas. Dado que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente α é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens, resultando em um índice que varia numa escala de 0 a 1, onde correlação é perfeita se α for igual a 1. Se α for igual a 0, os itens são totalmente independentes entre si (MAROCO E GARCIA-MARQUES, 2006; DA HORA, MONTEIRO E ARICA, 2010). A fórmula que determina o alfa de Cronbach é expressa por:

$$\alpha = \left(\frac{k}{k-1} \right) \times \left(1 - \sum_{i=0}^k s_i^2 / s_t^2 \right)$$

Onde:

k corresponde ao número de itens do questionário;

s_i^2 corresponde a variância de cada item; e

s_t^2 corresponde a variância total do questionário, determinada como a soma de

todas as variâncias.

De acordo com Maroco e Garcia-Marques (2006) e Field (2009), considera-se que um valor de 0,7 é o mínimo aceitável para o alfa de Cronbach e que valores substancialmente mais baixos podem indicar uma escala não confiável para a pesquisa. Entretanto ressalta-se que o valor mínimo pode ser 0,6 em determinadas áreas de estudo, tais como as ciências sociais, desde que os resultados sejam devidamente interpretados (Field, 2009). Após evidenciados os aspectos do alfa de Cronbach, foi realizado o cálculo com as questões dos Grupos III e IV, integrando 9 questões no total, obtendo os seguintes resultados:

Estatísticas de Confiabilidade	
Alfa de Cronbach	Nº de itens
0,813	9

Quadro 2 – Resultado do Alfa de Cronbach

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Sendo assim, seguindo os aspectos evidenciados acima, o resultado de 0,813 do alfa de Cronbach se enquadra aceitável, expressando alta correlação entre as questões. Desta forma, é condizente dizer as questões dos Grupos III e IV são

confiáveis. Baseando-se nos resultados encontrados, procedeu-se o teste de exclusão de questões, para verificar se alguma questão pode ocasionar em correlação substancialmente superior ou inferior. De acordo com Maroco e Garcia-Marques (2006), se na hipótese de exclusão das questões resultarem valores significativamente relevantes no valor do alfa, deve ser analisada a permanência da questão no questionário. No teste de exclusão das questões, as questão que mais influenciaria no alfa seria a de nº 26, onde verificou-se que: se eliminada a questão 26, o alfa passaria a ser 0,841. Em função de essa variação não ser tão significativa e o alfa continuar superior a 0,7, optou-se por não eliminar nenhuma questão.

Após comprovada a confiabilidade do questionário, é possível proceder com a análise dos dados. De acordo com Gil (2008, p. 156), a análise objetiva organizar e sumarizar os dados de forma que os mesmos ofereçam resposta aos objetivos da pesquisa. Além disso, a análise deve estar alinhada com os objetivos propostos, confrontando os resultados com o que se deseja concluir (MORESI, 2003). Desta forma, primeiramente realizou-se a caracterização da amostra, através das questões do Grupo I, onde foi possível evidenciar qual o perfil dos respondentes por meio de questões sociais e econômicas. Em seguida procedeu-se com a análise dos grupos restantes, a fim de obter o nível de alfabetização financeira. Tal nível pode ser identificado por meio do Índice de Alfabetização Financeira (IAF), o qual é obtido através dos resultados encontrados no conjunto de questões sobre conhecimento, atitude e comportamento financeiro.

Para realizar a mensuração do IAF, foram utilizados como base metodológica os estudos realizados pela OECD (2016) e pelo Banco de Portugal (2011; 2016), considerando que ambos são de âmbito internacional, e são fundamentais para uma análise mais padronizada, consistente e comparativa. Com base nisto, as respostas às questões são classificadas em uma escala de pontuação, onde para cada entrevistado é apurado um índice que resulta da soma aritmética da pontuação das respostas, dividido pelo número de questões que englobam o índice. Através da análise realizada, é possível obter o IAF Global, o qual compõem todos os grupos, sendo possível também obter o IAF Parcial, o qual avalia separadamente cada grupo de questões.

Neste contexto, o IAF Global é composto pelos Grupos II, III e IV, resultando no total de 19 questões, sendo: 10 questões referentes ao conhecimento financeiro, 4 questões referentes as atitudes e 5 questões referentes ao comportamento do

respondente. A pontuação das questões varia numa escala de 0 a 1, sendo que em perguntas fechadas (Grupo II) a resposta correta corresponde a 1 ponto e 0 se incorreta. A pontuação das questões em escala Likert (Grupos III e IV) varia de 0 a 1 conforme a alternativa selecionada pelo respondente. O Quadro 3 detalha os grupos e a pontuação definida para cada resposta.

Escala de pontos do IAF		
Grupo	Questão	Pontos
Conhecimento	Todas as questões	Resposta correta: 1
		Outras respostas: 0
Atitudes	Todas as questões	Muito importante: 1
		Importante: 1
		Não sei: 0
		Pouco importante: 0
		Nada importante: 0
Comportamento	Todas as questões	Sempre: 1
		Quase sempre: 1
		Às vezes: 0
		Quase nunca: 0
		Nunca: 0

Quadro 3 – Escala de pontos do IAF

Fonte: Elaboração própria (2017).

Desta forma, considerando a totalidade das respostas, a pontuação máxima corresponde a 19 pontos e a mínima a 0 pontos. Para facilitar a compreensão e interpretação dos resultados, a pontuação final de cada respondente será transformada proporcionalmente em uma escala de 0-100, obtendo assim o IAF Global que será comparado entre os indivíduos.

Após identificado o IAF dos respondentes, se fez necessário identificar quais fatores socioeconômicos possuem diferença estatisticamente significativa entre os respondentes. Para a análise foram utilizados os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis, que são testes não paramétricos de amostras independentes, para dados sem distribuição normal. O teste de Mann-Whitney testa as diferenças entre duas condições sendo que diferentes participantes foram selecionados em cada condição, baseando-se nos escores transformados em postos. Já o teste de Kruskal-Wallis é parecido com o teste de Mann-Whitney, entretanto, este teste compara várias

condições quando diferentes pessoas participam em cada condição e os dados resultantes não são normalmente distribuídos. Porém, se caso for identificada significância em alguma variável, é possível realizar o teste de Mann-Whitney em pares para encontrar quais são os fatores mais significativos (FIELD, 2009).

A partir de todos os cálculos feitos e de todas as análises que são propostas, pretende-se atingir o objetivo deste estudo e elucidar importantes contributos ao tema de finanças pessoais.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo compreende a apresentação dos resultados obtidos na aplicação do questionário e a respectiva análise, dividindo-se em: (i) caracterização dos respondentes; (ii) conhecimento financeiro; (iii) atitudes; (iv) comportamento; (v) índice de alfabetização financeira; e (vi) fatores socioeconômicos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Esta seção apresenta os resultados com base nas informações obtidas através das questões do perfil do respondente (Grupo I), onde buscou-se identificar quais são as características de cada discente, bem como os dados sociais e econômicos de cada um. A Questão 1 objetiva identificar o gênero do respondente, conforme demonstrado na Figura 3.

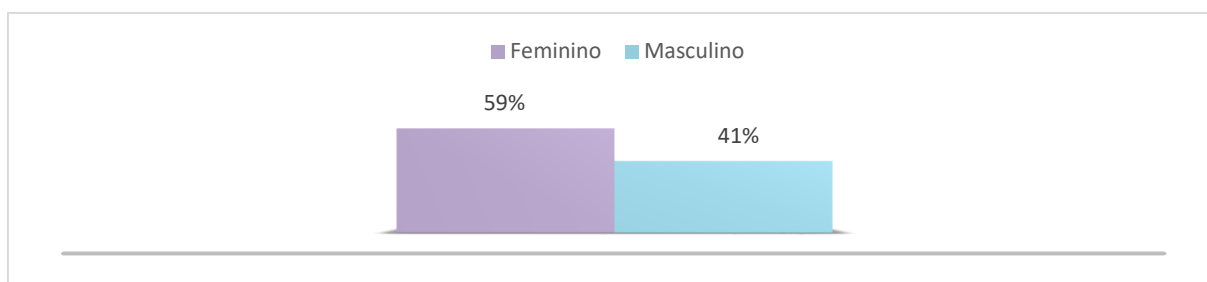


Figura 3 – Gênero dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No caso da amostra deste estudo, há maior representatividade do gênero feminino no estudo, sendo este percentual semelhante para os dois países estudados. O gênero pode ser um fator importante para a análise do nível da alfabetização financeira, pois alguns estudos identificam que respondentes do gênero feminino possuem atitudes diferentes do gênero masculino, o que influencia nos índices de alfabetização financeira (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E

SIVARAMAN, 2016). Apesar disso, a amostra é condicionada por mais respondentes femininos, mesmo que essa diferença não seja substancialmente desproporcional.

A Questão 2 identifica qual é a idade dos respondentes. A idade é um fator que pode demonstrar variações significativas no nível de alfabetização financeira dos respondentes. Baixos níveis de alfabetização financeira são encontrados normalmente entre os jovens e idosos (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014; BANCO DE PORTUGAL, 2015; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016). A Figura 4 apresenta os dados com a idade dos respondentes identificadas por 5 faixa-etárias diferentes.

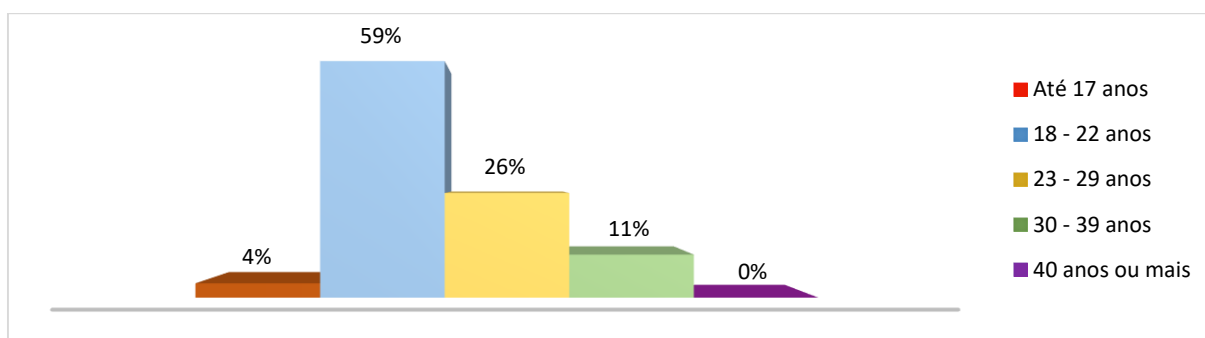


Figura 4 – Idade dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Figura 4 demonstra que é possível identificar que prevalece o maior número de respondentes com idade entre 18 e 22 anos. Isso explica-se pelo fato de que, uma vez que a amostra de respondentes é obtida nas instituições de ensino superior, a idade média dos estudantes tende a ser a idade jovem-adulta, sendo que a segunda maior representatividade de respondentes encontra-se na idade adulta, também faixa-etária comum para estudantes de ensino superior. Esses números são importantes para a pesquisa, uma vez que a maior representatividade dos jovens pode acarretar em índices de alfabetização mais baixos (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014; BANCO DE PORTUGAL, 2015; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016).

Na Questão 3 identificou-se qual é o estado civil dos respondentes. Potrich, Vieira e Kirch (2016) relatam que o estado civil pode estar relacionado com o nível de alfabetização financeira, pois um indivíduo solteiro normalmente não possui responsabilidade de cuidar das finanças de uma família, enquanto um indivíduo

casado detém maior necessidade de administrar as finanças de si e de outros indivíduos que possam ser dependentes do mesmo. A Figura 5 demonstra o estado civil dos respondentes.

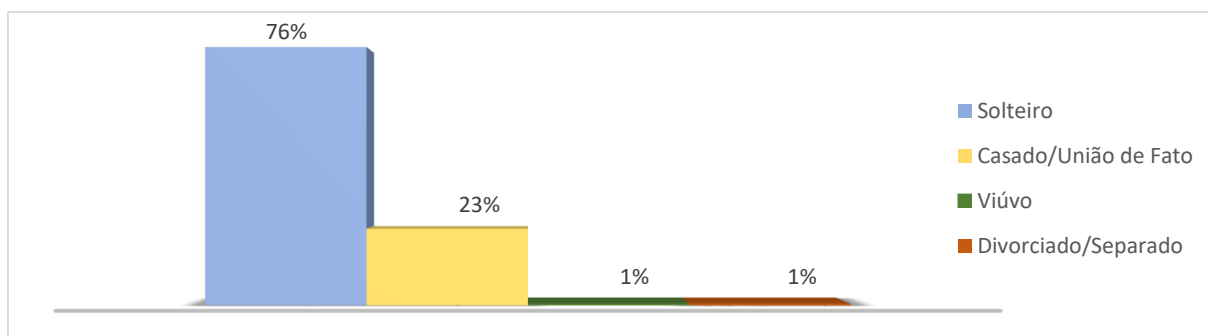


Figura 5 – Estado civil dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O estado civil que prevalece entre os respondentes é o de “Solteiro”, possuindo porcentagem predominante frente às outras opções. Também é possível identificar que o estado civil “Casado/União de Fato” tem uma proporção significativa. A quantidade de respondentes com a condição de “Viúvo” ou “Divorciado/Separado” são semelhantes e é um percentual irrelevante para influenciar nas conclusões da amostra deste estudo. Dessa forma, a maioria dos respondentes não possui, ao primeiro momento, responsabilidades financeiras tão altas com agregados familiares.

A Questão 4 buscou identificar qual é o ano da graduação em que os respondentes se encontram. Pesquisas descrevem que normalmente quanto maior for a escolaridade dos respondentes, maior será o seu nível de alfabetização financeira (LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016), e da mesma forma para o estágio que que o respondente se encontre na graduação. Na Figura 6 encontram-se os respondentes por ano frequentado da graduação.

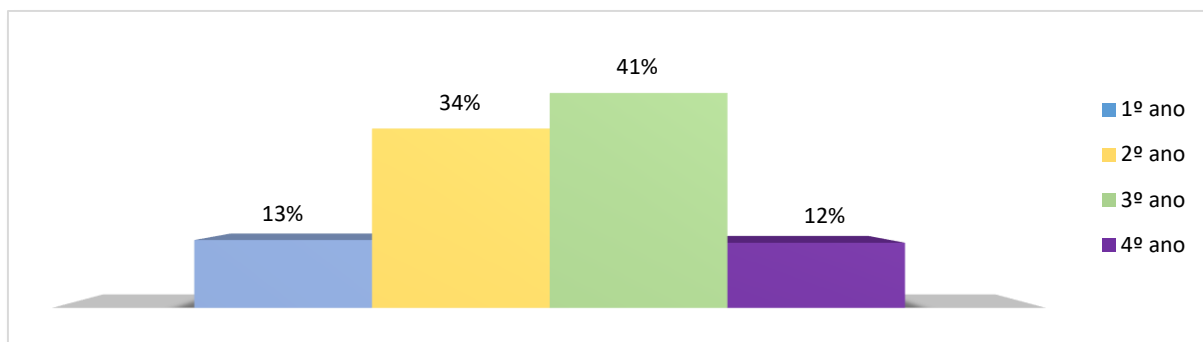


Figura 6 – Ano frequentado da graduação dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Figura 6 demonstra que há variações entre o número de respondentes por ano frequentado da graduação. A maior variação se encontra no 1º e 4º ano, onde há um número menor de respondente. No 2º ano a variação é um pouco menor quando comparada ao 3º ano, o qual é o período com maior número de respondentes. Uma vez que aproximadamente metade dos respondentes está no 3º ano de estudo, tem-se que estes respondentes deveriam possuir o índice de alfabetização financeira superior aos do 1º e 2º anos de curso.

A Questão 5 procurou reconhecer qual é a experiência profissional que os respondentes possuem. A experiência profissional é uma das variáveis mais importantes na determinação do IAF. Indivíduos com experiência profissional tendem a possuir um IAF superior do que indivíduos que nunca trabalharam (CHEN E VOLPE, 1998; LUSARDI E TUFANO, 2009; LUSARDI E MITCHELL, 2014). Os dados com a experiência profissional dos respondentes podem ser observados na Figura 7.

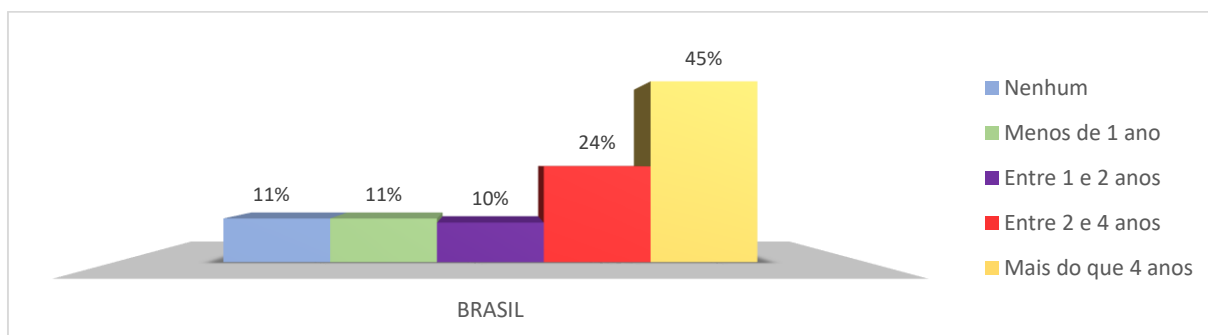


Figura 7 – Experiência profissional dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Como é possível observar na Figura 7, há uma distribuição quanto ao período de experiência dos respondentes. Considerando que o curso da graduação ocorre no período noturno, os respondentes possuem maior disponibilidade para trabalhar durante o dia e estudar durante a noite, o que se confirma que cerca de 89% dos respondentes possuem algum tempo de experiência profissional. Além disso, o número de respondentes com mais de 4 anos de experiência corresponde a quase metade da amostra total. Visto que, de acordo com Peng *et al.* (2007), quanto maior for o tempo de experiência profissional maiores são as chances de possuir um IAF elevado.

Após verificar a experiência profissional, a Questão 6 buscou completar essa informação e compreender quais são as principais fontes de rendimento dos respondentes, o que pode ser verificado na Figura 8.

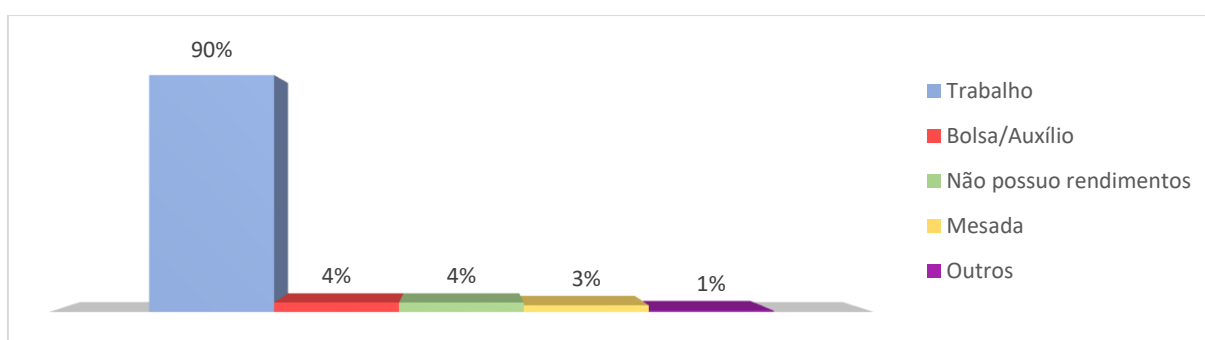


Figura 8 – Principal fonte de rendimento dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Conforme é possível perceber na Figura 8, a principal fonte de rendimento dos respondentes é o trabalho, correspondendo a maioria dos respondentes. A alternativa “outros” era aberta para respostas, sendo respondidas como “aposentadoria” e “pensão” por uma quantidade não representativa de respondentes. Essas informações refletem o que estava determinado pela questão 5, referente à experiência profissional dos respondentes.

As Questões 7 e 8 objetivam identificar os valores de rendimento individual e familiar. De acordo com Peng *et al.* (2007) e Atkinson e Messy (2012), a alfabetização dos indivíduos pode variar de acordo com a renda destes e isto se equivale tanto para o rendimento individual como o familiar, onde respondentes com maiores valores de rendimentos tendem a possuir um IAF superior. A escala utilizada para mensurar o

rendimento individual e familiar foi a quantidade de salários mínimos recebidos. A Tabela 2 demonstra o os rendimentos dos respondentes.

Tipo	Rendimento Individual	Rendimento Familiar
Sem rendimento	5%	5%
Até 1 salário mínimo	14%	1%
Entre 1 e 2 S.M.	53%	15%
Entre 2 e 4 S.M.	22%	36%
Acima de 4 S.M.	5%	36%
Não sabe informar	2%	8%
Total	100%	100%

Tabela 2 – Rendimento individual e familiar dos respondentes
 Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Tabela 2 vai de acordo com as conclusões obtidas na questão 6 (Figura 8), onde foi possível verificar que grande parte possui algum valor de rendimento individual, enquanto aqueles sem rendimento correspondem a apenas 5% da amostra. Rendimentos individuais entre 1 e 2 salários mínimos prevalecem, correspondendo à metade dos respondentes. Quanto ao rendimento familiar, predominam os valores entre 2 e 4 salários mínimos e os acima de 4 salários mínimos.

Na Questão 9 identificou-se o grau de escolaridade dos pais ou dos agregados familiares dos respondentes. De acordo com Mandell (2008), Lusardi, Mitchell e Curto (2010) e Lusardi e Mitchell (2014), o grau de escolaridade dos familiares está correlacionado com a alfabetização financeira dos indivíduos, sendo que normalmente a principal fonte de aprendizado das finanças vem dos membros familiares. Desta forma, quanto maior for a escolaridade de seus pais ou responsáveis, maior é a tendência de um respondente possuir IAF elevado. É possível observar na Figura 9 o grau de escolaridade dos pais ou agregado familiar dos respondentes.

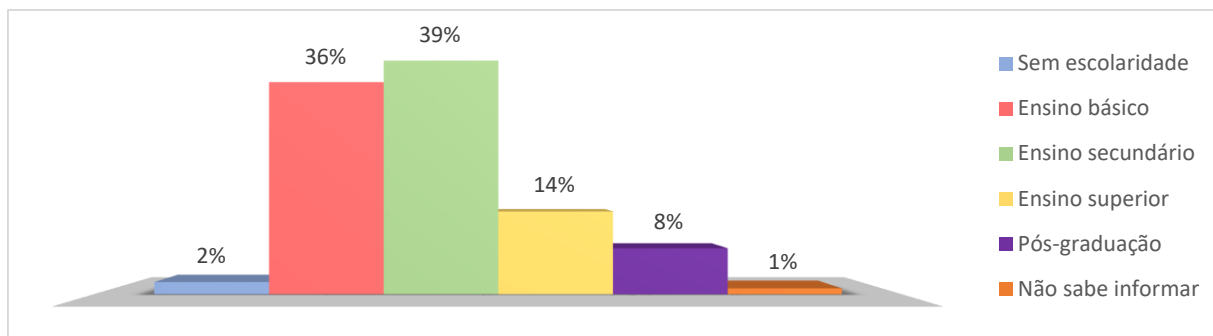


Figura 9 – Grau de escolaridade dos pais (agregado familiar) dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Conforme demonstrado na Figura 9, percebe-se que prevalece o maior número de respostas no ensino básico e secundário. Isso demonstra que a maioria dos familiares dos respondentes não possui um ensino superior ou específico, que os possa auxiliar na alfabetização financeira, apesar de que possuir apenas ensino básico ou secundário não inibe o conhecimento financeiro destes indivíduos. Os que possuem ensino superior também representam uma parte considerável da amostra. As outras escolaridades não possuem maior relevância representativas.

A Questão 10 teve como tema a auto avaliação dos respondentes quanto ao seu conhecimento para a gestão das finanças pessoais. De acordo com a OECD (2016), a auto avaliação permite posteriormente a comparação com o resultado do IAF obtido, identificando se a percepção dos respondentes tem alguma relação com o resultado final do estudo. Além disto, existe uma forte tendência de os respondentes optarem por um nível acima da média. As respostas de auto avaliação dos respondentes podem ser visualizadas na Figura 10.

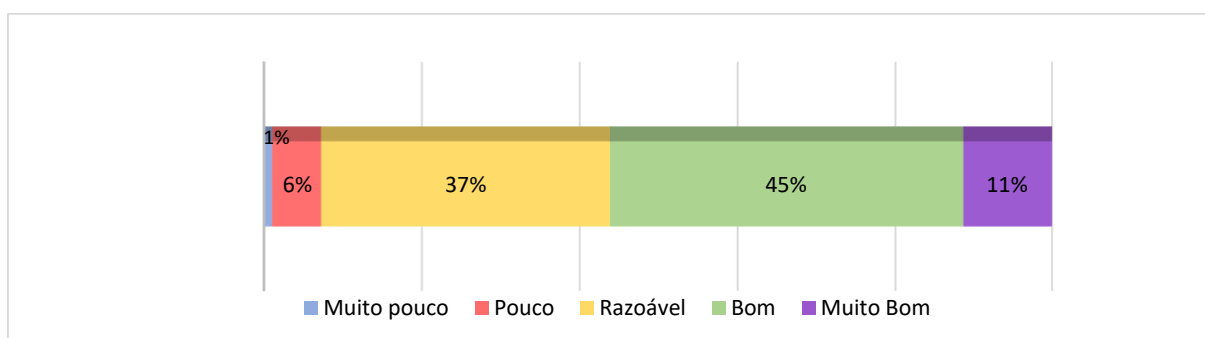


Figura 10 – Auto avaliação do conhecimento financeiro pelos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Como observa-se na Figura 10, a maioria dos respondentes opta pela alternativa “bom”, representando aproximadamente metade da amostra. A alternativa “razoável” tem número considerável de respondentes, ficando em aproximadamente 1/3 dos respondentes. Há também um número significativo de respondentes que optaram pela alternativa “muito bom”. Além disso, o número de respondentes que se auto avaliou como pouco ou muito pouco conhecimento é bastante baixo, não sendo representativo para a amostra.

4.2 CONHECIMENTO FINANCEIRO

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos através das questões de avaliação do conhecimento financeiro referentes ao Grupo II do questionário, correspondendo a 10 questões destinadas a testar diferentes aspectos do conhecimento que são considerados úteis para tomar decisões financeiras. Primeiramente são apresentadas as questões com maior índice de respostas corretas, maior número de incorretas e maior número de respondentes que não souberam responder. Após isto, é apresentada uma tabela resumida com a pontuação de todas as questões. Assim, o percentual de respostas corretas dos respondentes pode ser visualizado na Figura 11.

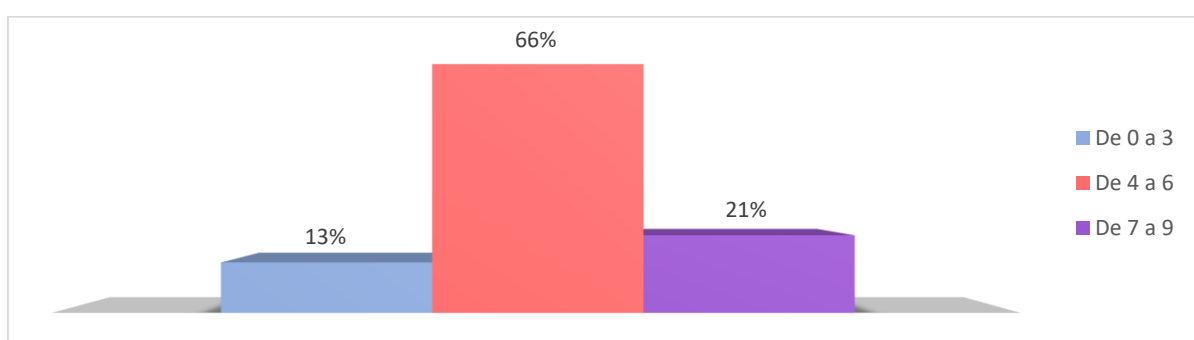


Figura 11 – Percentual de questões respondidas corretamente

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com a figura podemos observar que aproximadamente 2/3 dos respondentes acertaram de 4 a 6 questões deste grupo. Cerca de 13 % dos respondentes foram

bem inferiores à média, e destaca-se o grupo de respondentes que acertaram de 7 a 9 questões, onde há 21% da amostra total.

Nesse sentido, a questão com maior número de respostas corretas é a Questão 16, a qual está relacionada com o tópico de seguros. Esta questão buscava identificar qual a principal razão para se contratar um seguro, cuja resposta correta é “Proteger-se de eventuais perdas imprevisíveis”. A maioria dos respondentes acertou esta questão, sendo que os respondentes que não sabem ou que erraram a questão é representativamente baixo. Estes resultados possuem simetria com os resultados de Chen e Volpe (1998), estudo onde também houve um alto índice de acerto nesta questão. Os resultados corretos são semelhantes em ambos os países e podem ser visualizados na Figura 12.

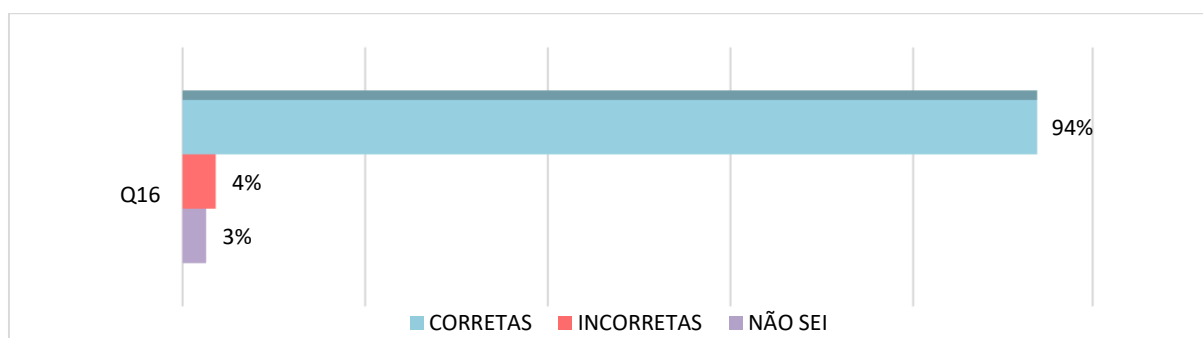


Figura 12 – Respostas da Questão 16 (Seguros)

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Questão 13 foi a segunda com maior número de acertos no grupo de conhecimento financeiro. A questão estava relacionada com o tópico inflação, e teve por objetivo saber se caso o rendimento de um indivíduo duplicasse em um ano, e os preços ao consumidor também duplicassem, qual seria o poder de compra do indivíduo. A resposta correta era “Exatamente o mesmo”. Os resultados correspondem a 74% de assertivas, que podem ser visualizados na Figura 13.

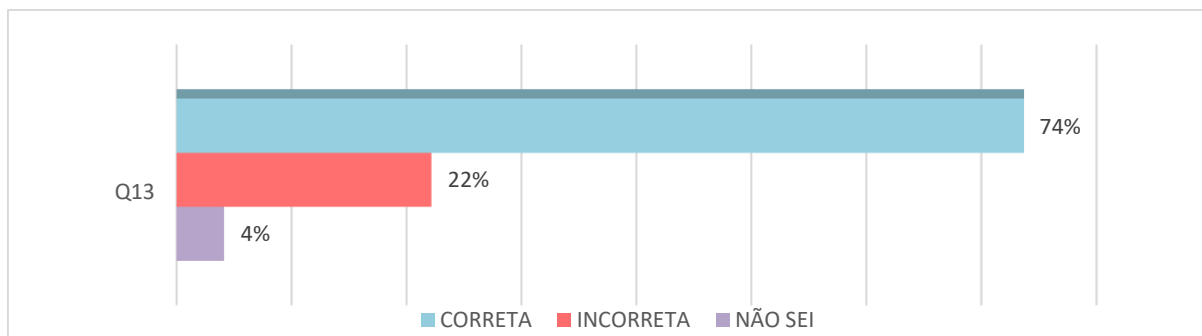


Figura 13 – Respostas da Questão 13 (Inflação)

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quanto às questões com maior número de respostas incorretas, verificou-se que a Questão 12 é a que apresenta o maior índice de erros. A Questão 12 é relacionada com o tópico empréstimos e cálculo de juros, onde os respondentes possuíam duas opções de pagamento a prazo e deveriam optar pela qual seria a mais vantajosa. A questão obteve 81% de respostas incorretas. Uma parcela pequena de respondentes acertou essa questão, representando aproximadamente 12% da amostra. Além disto, houve um alto índice de resposta na alternativa “não sei”. No estudo de Lusardi e Tufano (2009), onde esta questão também atingiu um número baixo de acertos, alegou-se que os indivíduos possuem forte tendência a subestimar a taxa de juros de um empréstimo. A Figura 14 apresenta os resultados da Questão 12.

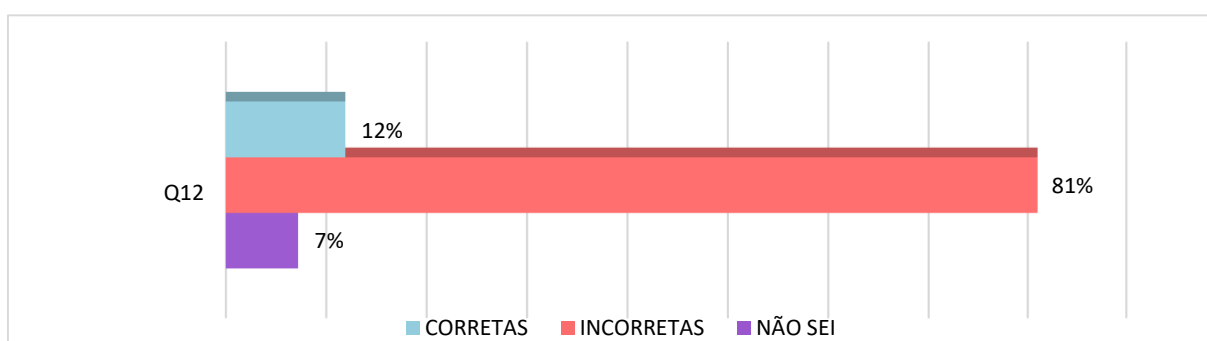


Figura 14 – Respostas da Questão 12 (Cálculo de juros; Empréstimo)

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No que diz respeito a alternativa “não sei”, a Questão 14 obteve a maior incidência nesta opção respondida. Esta questão pertence ao tópico da diversificação do risco e o objetivo da questão era saber se a compra de ação de apenas uma empresa resultaria em um retorno mais seguro do que se comprasse uma ação de um

fundo de investimento, sendo que a resposta correta era “Falsa”. A Figura 15 demonstra os resultados da Questão 14.

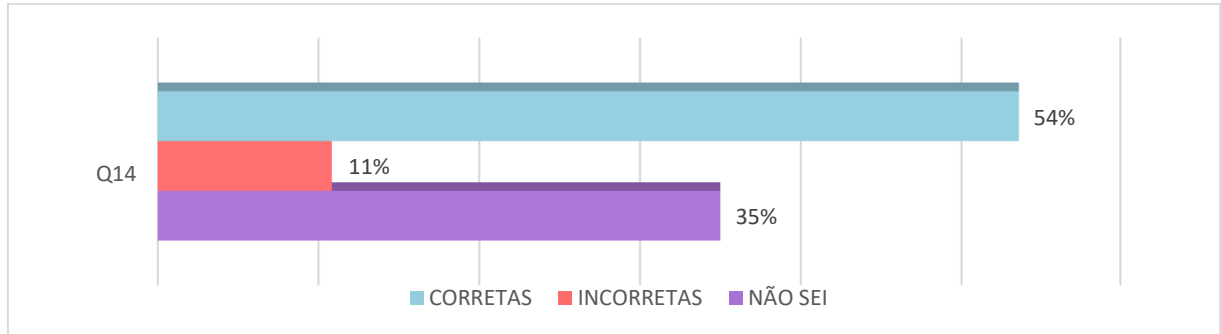


Figura 15 – Respostas da Questão 14 (Diversificação do risco)

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Aproximadamente metade dos respondentes não souberam responder esta questão. Entretanto, uma parcela semelhante de respondentes acertou essa questão, tendo 54% de acertos. No estudo de Lusardi *et al.* (2010), esta questão também possuiu um elevado número de respondentes que não souberam responder, indicando que existe falta de conhecimento de conceitos básicos de finanças.

Em seguida, foi possível elaborar um quadro-resumo para elucidar as questões abordadas neste estudo, com os respectivos resultados, por questão e no total. Através da Tabela 3 é possível visualizar um resumo das respostas referentes às questões de conhecimento financeiro. Os resultados com maior destaque foram demonstrados anteriormente. Entretanto, outras diferenças de respostas entre as questões podem ser verificadas. A Questão 20 possui desempenho baixo, onde 63% dos respondentes responderam incorretamente. Os resultados com maior relevância estão evidenciados através de diferentes cores e podem ser visualizados na Tabela 3.

TÓPICO/QUESTÃO		CORRETAS	INCORRETAS	NÃO SEI
Investimentos	Q11	39%	45%	16%
Empréstimo/Juros	Q12	12%	81%	7%
Inflação	Q13	74%	22%	4%
Diversificação do risco	Q14	54%	11%	35%
Investimentos/Juros	Q15	60%	34%	6%
Seguros	Q16	94%	4%	2%
Imposto s/ rendimento	Q17	34%	48%	18%
Taxa de câmbio	Q18	65%	23%	12%
Cálculo financeiro	Q19	61%	33%	6%
Investimentos	Q20	22%	63%	15%

Tabela 3 – Resumo das respostas de conhecimento financeiro

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Após verificar os resultados globais por questão e país, é possível determinar o percentual de respostas corretas no grupo de conhecimento financeiro, o resultado final corresponde a 51% da amostra. Observadas as questões de conhecimento financeiro, será evidenciado na próxima seção a descrição dos resultados das questões referentes as atitudes financeiras dos respondentes.

4.3 ATITUDES

A presente seção demonstra os resultados obtidos através das questões de avaliação das atitudes financeiras dos respondentes, referentes ao Grupo III do questionário, correspondendo a 4 questões de escala Likert, variando numa escala de grau de importância de 1 a 5 pontos, destinadas a testar as atitudes financeiras perante a tomada de decisão. Os resultados encontrados demonstram que a maioria dos respondentes apresenta possuir um elevado nível de alfabetização financeira perante as atitudes, onde houve preponderância de escolha das alternativas “Importante” e “Muito importante”, sendo estas imprescindíveis para pontuação no IAF. São apresentadas nesta seção as 4 questões separadas por país.

A Figura 16 apresenta os resultados dos respondentes referente às 4 questões analisadas. Observa-se que a Questão 22 obteve o maior número de respondentes na alternativa “Muito importante”, correspondendo a 86%, sendo este um percentual

bastante representativo para a amostra. A Questão 21 também apresentou elevado número de respostas que consideram importante/muito importante manter registros financeiros, correspondendo a 99% dos respondentes. Entretanto, para 20% dos respondentes, manter uma cobertura de seguros adequada (Questão 23) aparenta ter pouca importância ou não sabem opinar a respeito. Também observa-se a mesma situação quanto à atitude de planejar e implementar algum investimento (Questão 24), onde 14% consideram pouco importante ou não sabem opinar.

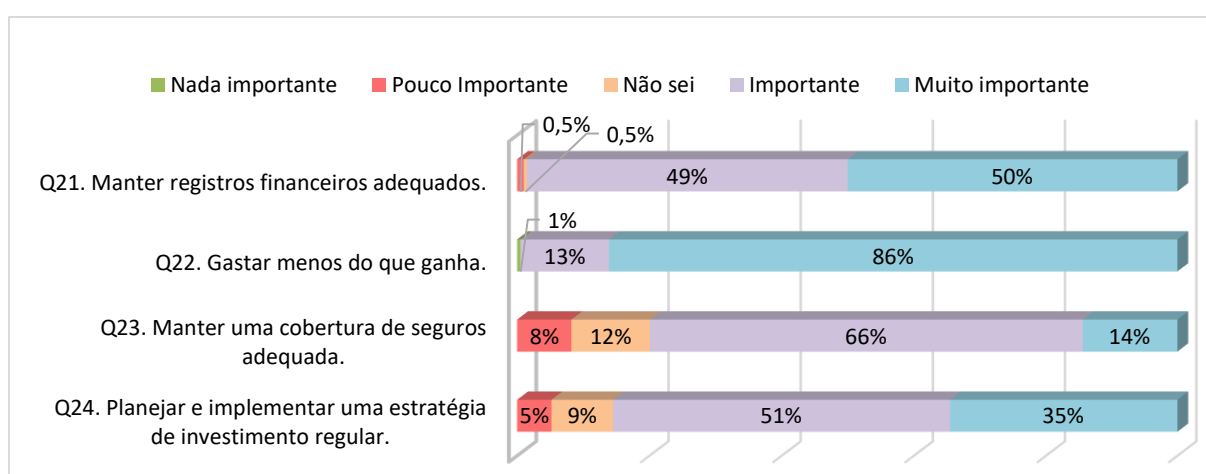


Figura 16 – Respostas das atitudes dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No que concerne às questões de atitude financeira, tal índice evidencia um desempenho elevado quanto às atitudes, representando a consciência dos respondentes quanto às atitudes financeiras que necessitam ser tomadas. Após analisados os resultados das respostas de atitude financeira, na próxima seção serão analisados os resultados do Grupo IV, referente ao comportamento financeiro dos respondentes.

4.4 COMPORTAMENTO

Nesta seção são demonstrados os resultados obtidos através das questões de avaliação do comportamento financeiro dos respondentes, referentes ao Grupo IV, correspondendo a 5 questões de escala Likert, variando numa escala de grau de comportamento de 1 a 5 pontos, destinadas a testar se os respondentes estão se

comportando de maneira financeiramente alfabetizada. Como explicado na metodologia, para que ocorra pontuação no Grupo IV, é necessário que os respondentes optem pelas alternativas “Quase sempre” e “Sempre”. Os resultados encontrados demonstram que em média 45% dos respondentes não possui um comportamento adequado como alfabeto financeiro.

Nos resultados, verificou-se que apenas a Questão 25 obteve mais de 50% de repostas nas alternativas quase sempre/sempre. Além disto, a Questão 27 identificou que aproximadamente 39% dos respondentes nunca ou quase nunca poupa dinheiro para atingir objetivos de longo prazo. Analisando todas as questões, observou-se que em média 54% dos respondentes optam pelas alternativas nunca/quase nunca/às vezes, evidenciando baixo resultado. Os resultados das questões de comportamento dos respondentes brasileiros podem ser visualizados abaixo na Figura 17.

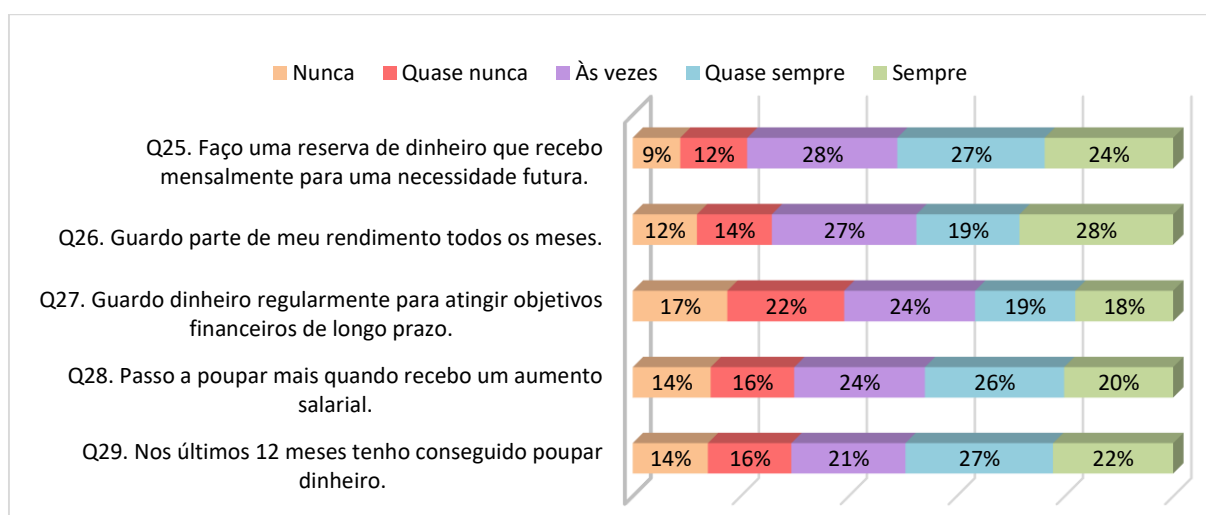


Figura 17 – Respostas do comportamento dos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Referindo-se as questões de comportamento, observou-se que os respondentes obtiveram um percentual de 46% de acertos das questões, nível abaixo da expectativa de um bom desempenho dos respondentes, sendo considerado insatisfatório.

Depois de apresentados e analisados os dados referentes às questões de conhecimento financeiro, atitude e comportamento, a próxima seção evidenciará o índice global e parcial de alfabetização financeira dos respondentes, onde será verificado se os fatores socioeconômicos possuem alguma relação com tais resultados.

4.5 ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

A alfabetização financeira é um fenômeno complexo, formado por uma combinação de conhecimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos (OECD, 2016). Sendo assim, após a análise descritiva dos resultados nas seções anteriores, apresenta-se nesta seção o índice de alfabetização financeira obtido através dos resultados dos componentes da alfabetização financeira, a fim de formar o índice parcial e a soma dos componentes para formar o índice global de alfabetização dos discentes de contabilidade.

Conforme mencionado anteriormente na metodologia, a elaboração do IAF foi baseada nos procedimentos utilizados pela OECD (2016), a qual classifica as respostas corretas numa pontuação que varia numa escala de 0 a 1, sendo que a resposta correta corresponde a 1 ponto e a 0 ponto se incorreta. Em função disto, o IAF resultaria da soma aritmética das respostas de cada indivíduo, onde os respondentes poderiam obter a pontuação máxima de 19 pontos e a mínima de 0 pontos. Entretanto, para a elaboração de uma análise padronizada com o modelo anterior, procedeu-se a utilização de uma escala percentual (0% a 100%) para mensurar o IAF dos respondentes.

A partir disto, foi possível obter o IAF global dos discentes. De acordo com Huston (2010), Ansong (2011) e Kiliyanni e Sivaraman (2016), a média mínima necessária para se considerar alfabetizado financeiramente corresponde a 60%. Chen e Volpe (1998; 2002) consideram ainda que o valor mínimo para ser considerado alfabetizado financeiramente corresponde a 60%, evidenciando ainda que se o índice corresponder entre 60% e 79% o indivíduo possui um nível mediano, e se for a partir de 80% é considerado um alto nível de alfabetização financeira. Desta forma, é possível observar que a média de IAF obtida é insatisfatória, de acordo com o nível mínimo necessário para ser considerado alfabetizado financeiramente, entretanto os resultados não deixam de ser próximos da mesma. A Tabela 4 apresenta o IAF global dos respondentes.

IAF GLOBAL
58,36%

Tabela 4 – IAF global

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para melhor evidenciação dos resultados, elaborou-se a Tabela 5 que demonstra, de acordo com Chen e Volpe (1998; 2002) e Kiliyanni e Sivaraman (2016), a classificação de acordo com a pontuação obtida pelos respondentes. Observou-se que à classificação “excelente” representou 12% da amostra, o que indica que poucos são os considerados com bom desempenho. No demais, os resultados se concentraram basicamente em “bom” e “razoável”, correspondendo a 83% da amostra. A classificação “baixo” foi semelhante em ambos os países, correspondendo uma parcela bastante pequena da amostra, e a classificação “muito baixo” não obteve classificados.

IAF			
Classificação/Pontos		N	%
Excelente	15 e 19	23	12%
Bom	11 e 14	85	44%
Razoável	7 e 10	76	39%
Baixo	3 e 6	10	5%
Muito Baixo	0 e 2	0	0%
TOTAL		194	100%

Tabela 5 – Classificação do IAF global

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Através da evidenciação dos resultados, considerou-se importante a comparação dos escores obtidos com a auto avaliação dos respondentes. A Questão 10, conforme demonstrado anteriormente, apresentava a auto avaliação sobre as finanças pessoais de cada respondente. Os resultados demonstram que a classificação “excelente” obteve apenas 1% de diferença entre o IAF e a auto avaliação, demonstrando ainda que o IAF obtido foi superior ao que os respondentes se auto avaliaram. A classificação “bom” possuiu também grande proximidade, com pequena diferença entre IAF e auto avaliação. Na classificação “razoável” os resultados são bastante semelhantes, correspondendo apenas a uma diferença de

2%. As classificação “baixo” também foi semelhante, entretanto, a classificação “muito baixo” teve somente pontuação na auto avaliação. A Tabela 6 demonstra os dados comparados entre a auto avaliação e o IAF obtido pelos respondentes.

IAF		
Classificação	Auto Avaliação	IAF Obtido
Excelente	11%	12%
Bom	45%	44%
Razoável	37%	39%
Baixo	6%	5%
Muito Baixo	1%	0%
TOTAL	100%	100%

Tabela 6 – Comparação da auto avaliação com o IAF obtido pelos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A partir dos resultados, constatou-se que não houve pontuação máxima (19 pontos) e também não houve pontuação mínima (0 pontos). A menor pontuação encontrada foi de 4 pontos, correspondendo apenas a um respondente. O maior escore corresponde a 18 pontos, correspondendo a 3 respondentes.

Para a realização da análise dos escores, utilizaram-se alguns dados estatísticos para verificar a distribuição dos resultados bem como testar sua significância, conforme está demonstrado na Tabela 7. Através da assimetria pode se constatar que a distribuição é positivamente assimétrica, ou seja, uma tendência a maioria dos escores está concentrada à esquerda da escala, sendo considerada bem como uma distribuição não normal. Ainda, a curtose também apresenta valores acima e abaixo de 0, o que de acordo com Field (2009), quanto mais distante os valores de assimetria e curtose estiverem de zero, maior a possibilidade de que os dados não sejam normais. Além disto, quando se tem uma amostra grande, é mais importante verificar visualmente a forma da distribuição e procurar os valores da assimetria e da curtose em vez de calcular suas significâncias através da padronização da amostra (Field, 2009).

Índice de Alfabetização Financeira: Estatísticas Descritivas										
Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Variância	Assimetria	EP Assimetria	Curtose	EP Curtose	Mín.	Máx.
11,0876	11	10	2,85351	8,143	,058	,175	-,537	,347	4	18

Tabela 7 – Estatísticas descritivas do IAF

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Figura 18 apresenta o histograma do IAF dos respondentes, evidenciando claramente a concentração de escores em determinadas partes da distribuição, também aparentando não apresentar uma distribuição normal.

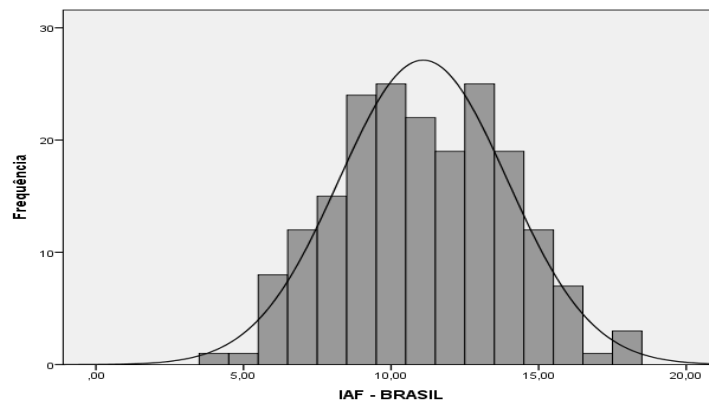


Figura 18 – Histograma do IAF Global

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Entretanto, para verificar se realmente a distribuição não é normal é necessário que se realize um teste objetivo. Sendo assim, o teste de Kolmogorov-Smirnov compara os escores de uma amostra com uma distribuição normal modelo de mesma média e variância dos valores encontrados na amostra, demonstrando que um valor significativo corresponde a Sig. < 0,05 (Field, 2009). Desta forma, é possível identificar através da Tabela 8, que o valor é altamente significativo, rejeitando a hipótese nula dos dados seguirem uma distribuição normal, ou seja, representando não ser uma distribuição normal.

Testes de Normalidade			
IAF	Kolmogorov-Smirnova ^a		
	Estatística	gl	Sig.
Total	,094	194	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 8 – Teste de Normalidade IAF

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Os resultados encontrados estão de acordo com a literatura, onde diversos autores comprovam os baixos índices de alfabetização financeira através de suas pesquisas (LUSARDI E TUFANO, 2009; BANCO DE PORTUGAL, 2011; SEKITA, 2011; BANCO DE PORTUGAL, 2016; OECD, 2016; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016), ressaltando aqueles que tiveram como amostra jovens e estudantes universitários no Brasil (GÓIS *et al.*, 2010; ALVES, SILVA E BRESSAN, 2011; MENDES, 2013; DO NASCIMENTO *et al.*, 2016; VIEIRA *et al.*, 2016), bem como de outros países (CHEN E VOLPE, 1998; CHEN E VOLPE, 2002; MANDELL, 2008A; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; ANSONG, 2011; MANTON, ENGLISH, AVARD E WALKER, 2011; NIDAR E BESTARI, 2012; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016). Entretanto, é necessário identificar quais são os possíveis fatores que influenciam a alfabetização dos indivíduos.

Em busca de melhor compreensão, ressalta-se a importância e necessidade da identificação dos índices parciais obtidos através dos componentes da alfabetização financeira, os quais estão evidenciados a seguir.

4.5.1 Conhecimento financeiro

Em virtude da evidenciação do resultado global do IAF e utilizando-se da mesma metodologia, considerando uma escala de pontuação de 0% a 100%, cabe demonstrar os resultados parciais referente a cada grupo avaliado no presente estudo. Desta forma, o índice de conhecimento financeiro que os resultados estão abaixo da média, o que contribui para o baixo nível de alfabetização financeira geral. Os resultados do IAF do conhecimento estão evidenciados na Tabela 9.

IAF - CONHECIMENTO
51,49%

Tabela 9 – IAF - Conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O grupo “conhecimento” possuía no total 10 questões, onde o escore poderia variar entre 0 e 10 pontos. O escore máximo foi de 9 pontos e o mínimo de 1 ponto.

No que diz respeito à assimetria e curtose, os resultados demonstram valores abaixo de zero, demonstrando uma concentração de respostas mais direita do gráfico, o que a princípio aparenta não ser uma distribuição normal. As estatísticas descritivas do grupo “conhecimento” podem ser visualizadas na Tabela 10.

Índice de Alfabetização Financeira: Estatísticas Descritivas										
Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Variância	Assimetria	EP Assimetria	Curtose	EP Curtose	Mín.	Máx.
5,1495	5	5	1,63932	2,687	-,057	,175	-,079	,347	1	9

Tabela 10 – Estatística Descritiva do IAF Conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Nesse contexto, através do histograma apresentado na Figura 23, é possível identificar houve maior concentração nos escores de 4 a 7 acertos, o que confirma os resultados obtidos.

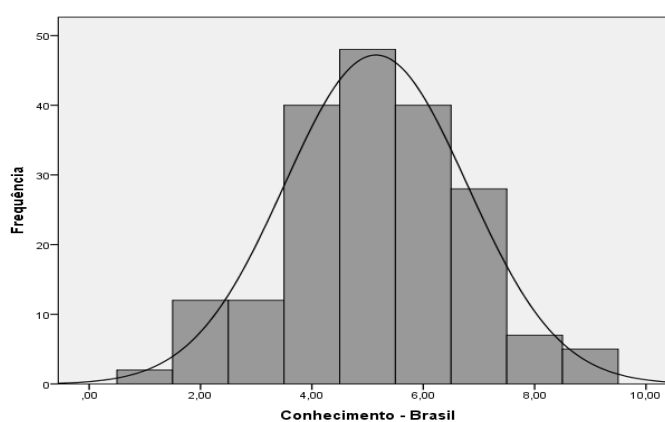


Figura 19 – Histograma do IAF Conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para verificar a normalidade da distribuição, foi realizado o teste de Kolmogorov-Smirnov. Desta forma, conforme é possível observar na Tabela 11, o valor da significância é de 0,00, sendo assim, é possível verificar que a distribuição da pontuação de conhecimento financeiro não é normal.

Testes de Normalidade			
Conhecimento	Kolmogorov-Smirnova		
	Estatística	gl	Sig.
Total	,124	194	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 11 – Teste de Normalidade do IAF Conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Em síntese, é possível perceber que os resultados encontrados no grupo “conhecimento” são insatisfatórios, demonstrando claramente exercer influência no baixo nível de IAF. A seguir são demonstrados os resultados obtidos no grupo “atitudes”.

4.5.2 Atitudes

Através da análise dos resultados, é possível identificar que o grupo “atitudes” obteve o melhor desempenho no IAF, ficando com pontuação ficou acima da média, apresentando níveis excelentes nas atitudes financeiras dos respondentes. A Tabela 12 apresenta os resultados do grupo “atitudes”.

IAF ATITUDES
90,85%

Tabela 12 – IAF - Atitudes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O grupo “atitudes” era composto de 4 questões, desta forma, os escores poderiam de variar numa escala de 0 a 4 pontos. Logo, identificou-se que o escore mínimo foi 2 pontos e o máximo de 4 pontos. A assimetria foi negativa, ou seja, as respostas corretas se concentraram mais a quatro acertos. Também é possível perceber que a curtose se distancia de 0, indicando não possuir uma normalidade na distribuição. A Tabela 13 demonstra as estatísticas descritivas do IAF no grupo “atitudes”.

Índice de Alfabetização Financeira: Estatísticas Descritivas										
Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Variância	Assimetria	EP Assimetria	Curtose	EP Curtose	Mín.	Máx.
3,6340	4	4	,55297	,306	-1,198	,175	,465	,347	2	4

Tabela 13 – Estatística Descritiva do IAF Atitudes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Além disto, neste mesmo contexto é ainda possível visualizar na Figura 20 o histograma da pontuação do grupo “atitudes”, onde apresenta claramente a concentração de escores entre 3 e 4 acertos. Também observa-se que a distribuição aparenta não ser normal.

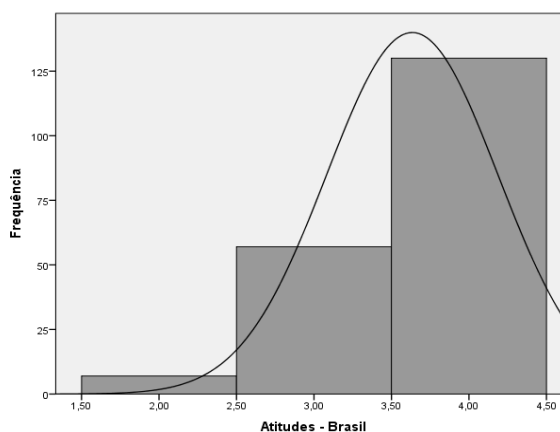


Figura 20 – Histograma do IAF Atitudes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para testar a normalidade da distribuição utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, o qual demonstrou possuir significância. Sendo assim, observando a Tabela 14 é possível identificar e confirmar que o grupo “atitudes” não possui uma distribuição normal.

Testes de Normalidade			
Atitudes	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Estatística	gl	Sig.
Total	,416	194	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 14 – Teste de Normalidade do IAF Atitudes

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Os resultados do grupo “atitudes” foram acima da média e muito satisfatórios em comparação ao nível que se espera que os respondentes possuam perante as atitudes financeiras. Isto demonstra que os respondentes possuem boas atitudes com relação às medidas necessárias nas finanças de modo geral. Na próxima seção são apresentados os resultados parciais referente ao último grupo que compõe o IAF, o grupo “comportamento”.

4.5.3 Comportamento

Diante dos resultados obtidos perante ao grupo “comportamento”, observa-se um desempenho insatisfatório, sendo abaixo da média esperada para ser considerado financeiramente alfabetizado, correspondendo ao valor de 46,08%. Os resultados IAF “comportamento” podem ser visualizados na Tabela 15.

IAF - COMPORTAMENTO
46,08%

Tabela 15 – IAF - Comportamento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para a avaliação do grupo “comportamento” haviam 5 questões, desta forma, escores poderiam variar de 0 a 5 pontos. A pontuação máxima e mínima do grupo foi atingida. A assimetria apresenta resultado positivo, resultando desta forma numa maior concentração de respostas ao lado direito do gráfico, ou seja, menores pontuações. Analisando a curtose, é possível indicar que provavelmente não há uma distribuição normal dos resultados. As estatísticas descritivas do grupo “comportamento” podem ser visualizadas na Tabela 16.

Índice de Alfabetização Financeira: Estatísticas Descritivas										
Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Variância	Assimetria	EP Assimetria	Curtose	EP Curtose	Mín.	Máx.
2,3041	2	0	2,04491	4,182	,140	,175	-1,653	,347	0	5

Tabela 16 – Estatística Descritiva do IAF Comportamento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Em conformidade com o que foi descrito acima, cabe observar a Figura 21, a qual apresenta os histogramas do comportamento financeiro. Nota-se que a frequência de respondentes com 0 pontos é significativamente alta. Além disto, é possível notar que a distribuição aparenta não apresentar normalidade.

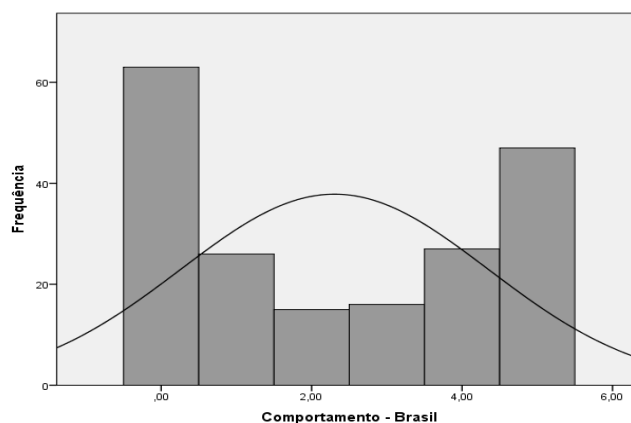


Figura 21 – Histograma do IAF Comportamento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para testar a normalidade dos resultados, também utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, o qual demonstrou que não há uma distribuição normal, confirmando a hipótese em 100%. Os resultados do teste podem ser visualizados na Tabela 17.

Testes de Normalidade			
Comportamento	Kolmogorov-Smirnova		
	Estatística	gl	Sig.
Total	,197	194	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 17 – Teste de Normalidade do IAF Comportamento

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Após a evidenciação dos resultados, percebe-se que o comportamento dos respondentes apresenta valores insatisfatórios do que seria previsto na média. Tal fato pode ter influência de condições econômicas, políticas e culturais dos

respondentes. Em função disto, a próxima seção apresenta qual a relação que os fatores socioeconômicos possuem com o nível de IAF dos respondentes.

4.6 FATORES SOCIOECONÔMICOS

Ao longo da literatura revisada, observou-se que os fatores socioeconômicos exercem fundamental influência no índice de alfabetização financeira dos respondentes. Em razão de tal fato, e afim de alcançar os objetivos deste estudo, realiza-se a análise dos fatores socioeconômicos em função de identificar quais são as variáveis que exercem algum nível de influência no IAF dos respondentes. A presente análise está pautada nas questões que visavam identificar o perfil dos respondentes, onde cada questão é ponderada individualmente com relação ao nível de IAF obtido.

Para análise das variáveis, são utilizados os testes de Kruskal-Wallis e Mann-Whitney, os quais são testes não paramétricos de amostras independentes, sendo uma alternativa ao teste de análise de variância (ANOVA), considerando que não há uma distribuição normal nos resultados. O teste de Mann-Whitney testa as diferenças entre duas condições sendo que diferentes participantes foram selecionados em cada condição, baseando-se nos escores transformados em postos: portanto, o grupo com a menor média é o grupo com o maior número de postos baixos e vice-versa. O resultado da significância fornece a probabilidade bilateral de que a magnitude da estatística teste seja um resultado casual, onde se o valor for menor do que 0,05, as médias dos dois grupos são significativamente diferentes (FIELD, 2009).

Já o teste de Kruskal-Wallis é semelhante ao teste de Mann-Whitney, entretanto conforme descreve Field (2009) este teste compara várias condições quando diferentes pessoas participam em cada condição e os dados resultantes não são normalmente distribuídos ou não satisfazem a hipótese da ANOVA independente de um fator, o qual também tem como base os postos dos valores. Neste caso também, o resultado do teste apresenta ser significativo se o valor for menor do que 0,05, sendo possível realizar um acompanhamento da análise principal com testes em pares de Mann-Whitney.

Desta forma, os testes são realizados com todas as variáveis socioeconômicas encontradas na primeira parte do questionário, sendo posteriormente analisadas individualmente as variáveis com um nível de significância inferior a 0,05. Em um primeiro momento, é realizado o teste de Mann-Whitney, cuja única variável de teste é o gênero, o qual está subdividido em duas alternativas: (i) masculino; e (ii) feminino. O teste apresentou significância de 0,05 ($p \leq 0,05$), o que demonstra apresentar diferença significativa entre o gênero dos respondentes. A partir disto, podemos dizer que o IAF dos respondentes pode variar de acordo com o gênero. Os resultados do teste podem ser visualizados na Tabela 18.

Estatísticas de teste^a	IAF
U de Mann-Whitney	5.288,000
Wilcoxon W	8.448,00
Z	-3,011
Significância Assint. (Bilateral)	,050

a. Variável de Agrupamento: Qual o seu gênero?

Tabela 18 – Teste de Mann-Whitney para Gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O teste de Kruskal-Wallis foi realizado com as variáveis socioeconômicas que continham mais de duas alternativas nas opções de resposta. Desta forma, somente a variável período cursado obteve significância inferior a 0,05. As outras variáveis não atingiram o nível mínimo de significância, ou seja, o IAF não possui diferença significativa de acordo com a idade, estado civil, experiência profissional, fonte de renda, renda pessoal, renda familiar e escolaridade dos pais. Entretanto, cabe ressaltar que o valor de renda do agregado ficou muito próximo de ter uma influência significativa, correspondendo a 0,052. Os resultados encontram-se na Tabela 19.

Teste Kruskal Wallis	
Variável de Agrupamento	Significância Assint.
Idade	0,073
Estado Civil	0,742
Período Cursado	0,004
Experiência Profissional	0,200
Principal fonte de renda	0,782
Renda pessoal	0,506
Renda familiar	0,052
Escolaridade dos pais	0,229

Tabela 19 – Teste de Kruskal-Wallis

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com base nos resultados encontrados no teste de Kruskal-Wallis, é necessário realizar o teste em pares de Mann-Whitney das variáveis idade e renda familiar, para avaliar em quais alternativas existe maior e menor significância. Por conseguinte, serão analisados com maior profundidade os resultados que obtiveram alguma significância aceitável, ou seja, que existem diferenças significantes no IAF de acordo com cada alternativa das variáveis, subdividindo-se em: (i) gênero; (ii) idade; e (iii) renda familiar.

4.6.1 Gênero

De acordo com os resultados apresentados anteriormente, o gênero foi uma das variáveis que apresentou significância, desta forma, é possível estabelecer que há diferença nos resultados entre o gênero feminino e masculino. Através de análise individual desta variável, é possível identificar que o gênero feminino possui IAF de 10,73 (59%), o qual é inferior ao IAF de 11,59 (64%) do gênero masculino. A Tabela 20 apresenta o IAF conforme o gênero dos respondentes e a Figura 22 apresenta o gráfico do IAF por gênero.

IAF - Gênero	
Masculino	Feminino
11,59	10,73

Tabela 20 – IAF - Gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

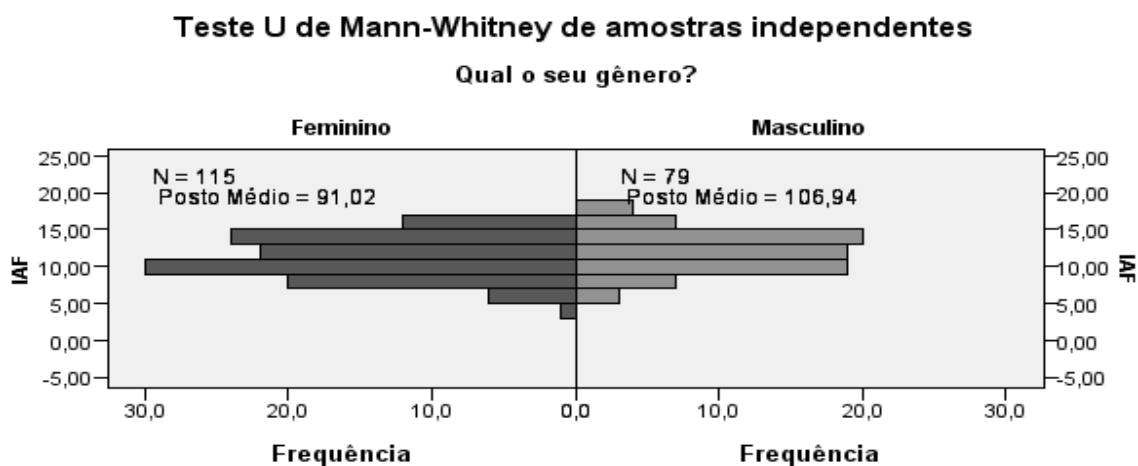


Figura 22 – Gráfico do IAF por gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Tal resultado está de acordo com outros estudos que apresentaram a variável gênero como significativa, evidenciando que o índice do gênero feminino normalmente é inferior ao índice do gênero masculino (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; OECD, 2017). Este resultado apresenta novamente um sério fator de diferença, onde o gênero feminino está normalmente associado a baixos níveis de alfabetização financeira, sendo considerado também que as mulheres possuem uma tendência maior de optar pela alternativa “não sei” com mais frequência do que os homens. Neste estudo, isto pode se confirmar pelo fato de que o percentual médio de mulheres que optaram por não saber responder foi cerca de 14%, enquanto que a média de homens que optaram por esta opção é cerca de 9%.

Entretanto, através desta análise é possível evidenciar que o IAF médio dos respondentes do gênero masculino apresenta valor mínimo necessário para ser considerado alfabetizado financeiramente, numa escala que corresponde ao nível “bom”, correspondendo a 64%.

Sendo assim, considerando a análise global e individual entre os países do IAF através da variável gênero, podemos compreender que os homens obtiveram uma média superior que as mulheres no nível de alfabetização financeira, confirmando novamente as evidências obtidas em outros estudos desta linha de pesquisa.

4.6.2 Período Cursado

Após a realização do teste de Kruskal-Wallis, foi possível identificar que a período cursado possui diferença significativa entre os respondentes, podendo ser considerada então uma variável que exerce alguma influência no IAF. Estudos realizados anteriormente também apontaram que a o período cursado é uma variável que pode ser significativa no IAF dos respondentes, ressaltando que normalmente indivíduos que estão nos períodos finais da faculdade possuem normalmente um grau elevado de IAF do que aqueles que estão no início. (Chen E Volpe, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014; BANCO DE PORTUGAL, 2015; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016).

Entretanto, com base na Tabela 21, nota-se que os respondentes do 4º ano obtiveram melhor média, aproximadamente 12,37 (68%), do que os respondentes dos demais períodos que variaram em média de 58% até 68%. Tal resultado confirma que estudantes de anos superiores possuem melhor IAF. Contudo, vale considerar que ao analisar os respondentes 1º ano, é possível notar que os resultados são superiores que os do 2º e 3º ano, o que vem a indicar um fator diferente ao encontrado na literatura. Tal resultado pode ser justificado pelo fato de os respondentes do primeiro ano frequentarem aulas de matemática financeira, logo podem ter relembrado o conteúdo de finanças mais facilmente que os demais.

Ano Cursado	n	IAF	%
1º Ano	25	12,24	68%
2º Ano	66	10,83	60%
3º Ano	79	10,54	58%
4º Ano	24	12,37	68%

Tabela 21 – IAF – Ano Cursado

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Apesar disto, como mencionado anteriormente, somente com este teste não é possível identificar quais períodos apresentam algum nível de significância estatística, sendo necessário então a comparação em pares com o teste de Mann-Whitney. Logo, foram realizados os testes para identificar quais anos que apresentaram algum nível de significância, cujo os resultados podem ser identificados na Tabela 22.

Teste de Mann-Whitney		
Ano Cursado		Significância Assint. (Bilateral)
1º Ano	2º Ano	,017
	3º Ano	,002
	4º Ano	0,755
2º Ano	3º Ano	,602
	4º Ano	,034
3º Ano	4º Ano	,013

Tabela 22 – Teste de Mann-Whitney por ano cursado

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com base no resultado dos testes, é possível confirmar os resultados encontrados na Tabela 21. Os alunos do 1º ano possuem resultados

significativamente diferentes quando comparados com os alunos do 2º e 3º anos. Isto não ocorre entre os alunos do 1º e 4º ano, pois possuem resultados semelhantes. O mesmo acontece com alunos do 4º ano que são significativamente diferentes dos alunos do 2º e 3º anos, uma vez que os resultados apresentam bastante diferença no IAF quando comparados.

Portanto, é possível identificar que a variável ano cursado apresenta diferença entre os respondentes, corroborando com os resultados anteriores onde identificou-se que os alunos em anos superiores possuem melhor desempenho que os alunos em anos inferiores. Constatou-se também que os respondentes do 1º ano possuíram resultados superiores aos do 2º e 3º anos, logo isso contraria a literatura, porém se faz necessário identificar os motivos que levaram a tal resultado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 CONCLUSÕES

Ao longo dos últimos anos o mercado financeiro sofreu um aumento na quantidade de produtos e serviços (HOGARTH E HILGERT, 2002; MANDELL E KLEIN, 2007), requerendo assim maior capacidade cognitiva dos indivíduos para analisar e escolher a melhor opção. Em virtude disto, a necessidade por indivíduos alfabetizados financeiramente se tornou a chave para a segurança financeira moderna, uma vez que a tomada de decisões mal informada pode causar um impacto negativo não só aos indivíduos, mas também na sociedade (MANDELL E KLEIN, 2007; PENG *et al.*, 2007; ORTON, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; OECD, 2012; LUSARDI E MITCHELL, 2014).

De acordo com a OECD (2016), a alfabetização financeira é um fenômeno complexo, formado por uma combinação de conhecimento, atitudes e comportamento de indivíduos. Em função disto, o presente estudo teve como público alvo os discentes de ensino superior em contabilidade de duas instituições de ensino superior, o qual tinha por objetivo identificar quais são as características socioeconômicas que podem influenciar o índice de alfabetização financeira dos discentes. A escolha pelo grupo de discentes em contabilidade pauta-se basicamente por sua relação a aspectos financeiros fundamentais durante o período de graduação, onde expecta-se nível considerável de alfabetização financeira.

Para que fosse possível alcançar os objetivos principais deste estudo, definiu-se em seguida os objetivos específicos. Como primeira fase do trabalho, foi realizada a revisão da literatura científica, para que pudesse ser elaborado um instrumento de pesquisa a fim de identificar os dados socioeconômicos e a alfabetização financeira dos respondentes. Sendo assim, através deste questionário foram coletadas ao todo 194 respostas. A partir das respostas foram elaborados quadros, figuras e tabelas buscando demonstrar as informações obtidas, bem como o Índice de Alfabetização Financeira.

Referente à análise do perfil do respondente, é possível identificar o gênero feminino é predominante e que a maioria dos respondentes possui estado civil de solteiro, com uma faixa etária de 18 a 22 anos. Também destaca-se que a maioria dos possui algum período de experiência profissional.

Após a sumarização dos resultados, foi possível obter a média do índice de alfabetização financeira dos respondentes, bem como a média do índice global. O IAF dos respondentes corresponde a 58,36%. Tais resultados apresentam níveis insatisfatórios para o valor médio esperado de acordo com a literatura (CHEN E VOLPE, 1998; 2002; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016), ou seja, é possível concluir que os respondentes não possuem nível adequado de alfabetização financeira, resultado que corrobora com estudos anteriores, onde são encontrados baixos níveis de alfabetização financeira (LUSARDI E TUFANO, 2009; BANCO DE PORTUGAL, 2011; SEKITA, 2011; BANCO DE PORTUGAL, 2016; OECD, 2016; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016). Também constata-se que apesar dos respondentes serem discentes do curso de contabilidade, havia certa expectativa para melhores resultados. Entretanto, para identificação de melhor desempenho, a maneira ideal seria comparar os resultados com grupos de outras áreas de pesquisa, afim de identificar se a área de graduação pode influenciar em tais resultados. A partir do IAF global, elaborou-se o IAF parcial de cada componente da alfabetização financeira, sendo eles o conhecimento, atitude e comportamento.

Nas questões de conhecimento financeiro, os resultados foram similares em ambos os países, considerando algumas diferenças pontuais. O resultado de acertos do grupo de conhecimento financeiro foi no total de 51%. Entretanto, cabe ressaltar que os resultados obtidos encontram-se abaixo da média esperada da alfabetização financeira, sendo considerados como níveis razoáveis de conhecimento financeiro.

Nas questões de atitude financeira, obteve-se um alto índice de acertos, sendo este grupo considerado o com melhor nível de alfabetização financeira encontrado. As diferenças eram observadas conforme a questão, entretanto o resultado final foi considerado como excelente, onde a média total aproxima-se da pontuação máxima deste grupo de questões.

No grupo do comportamento financeiro, observou-se resultados baixos, sendo considerado o grupo com pior desempenho avaliado na média total. Os respondentes do obtiveram resultados de média 46,08%, resultado considerado baixo quanto ao necessário para um bom IAF.

Com relação a auto avaliação dos respondentes, a fim de avaliar se a as respostas dos respondentes correspondem ao IAF obtido pelos mesmos, foi possível perceber que em grande parte os resultados demonstraram possuir níveis bem próximos, o que leva a concluir que a auto percepção da alfabetização dos respondentes tem similaridade com os resultados obtidos, demonstrando que os respondentes possuem consciência da capacidade financeira própria.

Após verificados os índices, realizaram-se os testes de Mann-Whitney e de Kruskal-Wallis, com o objetivo de identificar quais fatores socioeconômicos apresentavam diferenças no IAF dos respondentes. Sendo assim, constatou-se que os fatores que apresentavam alguma diferença significativa estatística eram: (i) gênero; e (ii) ano cursado.

Na avaliação do gênero, observou-se que os respondentes do gênero masculino possuem um melhor desempenho no IAF do que as respondentes do gênero feminino. Tais resultado estão em concordância com outros estudos (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI, MITCHELL E CURTO, 2010; LUSARDI E MITCHELL, 2014; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; OECD, 2017), que evidenciam enfaticamente que os homens normalmente tendem a possuir um melhor desempenho em áreas relacionadas com as finanças do que as mulheres.

No que diz respeito a avaliação do ano cursado, os resultados significativos do 4º ano cursado estão de acordo com a literatura (CHEN E VOLPE, 1998; PENG *et al.*, 2007; LUSARDI E MITCHELL, 2014; BANCO DE PORTUGAL, 2015; KILIYANNI E SIVARAMAN, 2016; POTRICH, VIEIRA E KIRCH, 2016), que apresenta desempenho elevado em comparação aos anos inferiores. Entretanto, constatou-se também que os respondentes do 1º ano possuíram resultados superiores aos do 2º e 3º anos, logo isso contraria a literatura, porém se faz necessário identificar os motivos que levaram a tal resultado.

Acerca da análise elaborada, o presente estudo apresenta contribuições teóricas e práticas para a literatura atual. Na teoria, foi possível identificar que os respondentes apresentam baixos níveis de alfabetização financeira, confirmando-se novamente tal fator com estudos anteriores que demonstraram baixos níveis em outros países. Além disto, confirmou-se que os fatores gênero e ano cursado apresentam diferença estatística significativa no IAF dos respondentes.

Na prática, o trabalho desenvolveu-se baseado em estudos anteriores, a fim de ocasionar maior padronização na análise dos resultados, bem como maximizar a

eficácia da pesquisa. Além disto, os resultados encontrados demonstram a necessidade de melhorar e evoluir os resultados de tais respondentes, a fim de evitar que tais fatores socioeconômicos sejam influentes na capacidade dos indivíduos, buscando a alfabetização financeira dos respondentes em geral, onde todos possam exercer tomadas de decisões mais assertivas e eficientes.

5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Um estudo deste gênero apresenta muitos caminhos a serem seguidos, sendo necessário optar por alguns fatores específicos em virtude de poder ser analisado em tempo hábil todos os objetivos. Em virtude disto, houve a necessidade de optar-se em avaliar somente as características socioeconômicas, sendo considerado tais aspectos como relevantes de acordo com a literatura para o tipo do estudo proposto. Entretanto, não se descarta a possibilidade de ampliação do estudo das variáveis encontradas bem como a divisão da amostra por grupos para melhor comparação futura.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho ocorreram algumas situações que acabaram por limitar alguns aspectos da pesquisa. Destaca-se que a falta de padronização nos estudos acabou por complicar a mensuração e comparação dos resultados. No que concerne a falta de padronização destaca-se o questionário como principal fator que pode influenciar nos resultados dos estudos, uma vez que cada autor utiliza questões diferentes o índice obtido como resultado acaba não sendo passível de comparação com os demais estudos. Recentemente a OECD tem desenvolvido fortemente estudos referentes a alfabetização financeira para que este problema fosse resolvido. Porém, neste estudo o questionário precisou ser adaptado para que o tempo de aplicação não fosse demasiado longo, uma vez que a quantidade de questões aplicadas nestes outros estudos é sensivelmente superior ao nosso.

Como sugestão para investigações futuras, propõe-se a criação de um modelo padronizado de questionário relacionado à este tema, com um tempo de aplicação aceitável para que o mesmo possa ser utilizado com facilidade em outros locais. Além disto destaca-se a possibilidade de investigar outro público, tais como aposentados e crianças, para verificar se estas pessoas com mais idade possuem condições para

levar a aposentadoria com algum controle financeiro, e verificar se as crianças estão possuindo algum tipo de educação financeira desde cedo para que no futuro, sendo que tal fator é indispensável para uma boa alfabetização financeira no futuro. Também recomenda-se a investigação em outras áreas de estudo, tais como biológicas, exatas e humanas, para verificar quais são os níveis encontrados e qual fator tende a influenciar este nível de alfabetização financeira.

Outra sugestão para investigações futuras se dá na necessidade de explorar a variável gênero, onde se verificou diferença nos resultados, evidenciando que os homens possuem maior tendência a melhores índices do que as mulheres, resultado que possui a mesma evidência em ambos os países. Investigações anteriores já evidenciaram tal diferença, o que justifica uma maior necessidade de compreensão dos motivos que levam a tal resultado, e o que pode ser feito para que isto possa sofrer alterações benéficas para o futuro.

Quantos aos programas de educação financeira que são oferecidos pelas escolas e universidades, é sugerido um estudo para identificar qual o impacto que tais programas exercem no nível de alfabetização financeira dos indivíduos e a eficácia dos mesmos, buscando sugerir novos métodos para o desenvolvimento financeiro contínuo da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rodrigo Araujo; SILVA, Janaína Senra; BRESSAN, Aureliano Angel. **Educação financeira de discentes em Ciências Contábeis: diagnóstico e comparação com universitários Norte-Americanos.** In: II Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis–AdCont. 2011.

ANDERLONI, Luisa; VANDONE, Daniela. **Risk of over-indebtedness and behavioural factors.** In: Risk tolerance in financial decision making. Palgrave Macmillan, London, 2011. p. 113-132.

ANSONG, Abraham. **Level of knowledge in personal finance by university freshmen business students.** African Journal of Business Management, v. 5, n. 22, p. 8933, 2011.

ATKINSON, A.; MESSY, F. **Measuring Financial Literacy: results of the OECD/International Network on Financial Education (INFE).** Pilot Study. Working Paper, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Promoting financial inclusion through financial education.** OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 34, p. 1, 2013.

Banco de Portugal. **Relatório do inquérito à literacia financeira da população portuguesa 2010.** Lisboa: Departamento de Supervisão Comportamental, 2011.

Banco de Portugal. **Relatório do inquérito à literacia financeira da população portuguesa 2015.** Lisboa: Departamento de Supervisão Comportamental, 2016.

BOZAL, Manuel Guil. **Escala mixta Likert-Thurstone.** ANDULI, Revista Andaluza de Ciencias Sociales, n. 5, p. 81-95, 2006.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. **An analysis of personal financial literacy among college students.** Financial services review, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. **Gender differences in personal financial literacy among college students.** Financial services review, v. 11, n. 3, p. 289, 2002.

CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo; ESPEJO, MM dos SB. **Finanças pessoais: conhecer para enriquecer.** São Paulo: Atlas, 2010.

DA HORA, Henrique Rego Monteiro; MONTEIRO, Gina Torres Rego; ARICA, José. **Confiabilidade em questionários para qualidade**: um estudo com o Coeficiente Alfa de Cronbach. *Produto & Produção*, v. 11, n. 2, p. 85-103, 2010.

DO NASCIMENTO, João Carlos Hipólito Bernardes et al. **Alfabetização Financeira: Um Estudo Por Meio Da Aplicação Da Teoria De Resposta Ao Item/Financial Literacy**: A Study Using The Application Of Item Response Theory. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 17, n. 1, p. 147, 2016.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira**. Editora DSOP, 2013.

DONADIO, Rosimara; CAMPANARIO, Milton de Abreu; RANGEL, Armênio de Sousa Rangel. **O Papel Do Da Alfabetização Financeira E Do Cartão De Crédito No Endividamento Dos Consumidores Brasileiros**. *REMark*, v. 11, n. 1, p. 75, 2012.

FIELD, Andy. **Descobrendo a estatística usando o SPSS-2**. Bookman Editora, 2009.

FOX, Jonathan J.; BARTHOLOMAE, Suzanne. **Financial education and program evaluation**. In: *Handbook of consumer finance research*. Springer, New York, NY, 2008. p. 47-68.

GARMAN, E. Thomas; FORGUE, Raymond. **Personal finance**. Cengage Learning, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GÓIS, Cristina Maria Gabriel Gonçalves et al. **A literacia financeira em instituições do ensino superior português**: análise de sensibilidade dos seus determinantes. *Estudos do ISCA*, n. 1, 2010.

GUDMUNSON, Clinton G. et al. **Enhancing personal and family finance courses using case studies**. *College Student Journal*, v. 49, n. 3, p. 321-330, 2015.

HOGARTH, Jeanne M. **Financial literary and family & consumer sciences**. *Journal of Family and Consumer Sciences*, v. 94, n. 1, p. 14, 2002.

HOGARTH, Jeanne M.; HILGERT, Marianne A. **Financial knowledge, experience and learning preferences**: Preliminary results from a new survey on financial literacy. *Consumer Interest Annual*, v. 48, n. 1, p. 1-7, 2002.

HUNG, Angela; PARKER, Andrew M.; YOONG, Joanne. **Defining and measuring financial literacy**. 2009.

HUSTON, Sandra J. **Measuring financial literacy**. *Journal of Consumer Affairs*, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

INFE, OECD. **Measuring financial literacy**: Core questionnaire in measuring financial literacy: Questionnaire and guidance notes for conducting an internationally comparable survey of financial literacy. Paris: OECD, 2011.

JOHNSON, Elizabeth; SHERRADEN, Margaret S. **From Financial Literacy to Financial Capability among Youth**. *J. Soc. & Soc. Welfare*, v. 34, p. 119, 2007.

KILIYANNI, Abdul Latheef; SIVARAMAN, Sunitha. **The perception-reality gap in financial literacy**: Evidence from the most literate state in India. *International Review of Economics Education*, v. 23, p. 47-64, 2016.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; PANOS, Georgios A. **Financial literacy and its consequences**: Evidence from Russia during the financial crisis. *Journal of Banking & Finance*, v. 37, n. 10, p. 3904-3923, 2013.

LAMY, Marcelo. **Metodologia da pesquisa jurídica**: técnicas de investigação, argumentação e redação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LUCCI, Cintia Retz et al. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. *Seminário em Administração*, v. 9, 2006.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **The economic importance of financial literacy**: Theory and evidence. *Journal of economic literature*, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

TUFANO, Peter. **Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness**. (No. w14808). National Bureau of Economic Research. 2009.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.; CURTO, Vilsa. **Financial literacy among the young**. Journal of consumer affairs, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.

MANDELL, Lewis. **Financial literacy of high school students**. In: Handbook of consumer finance research. Springer, New York, NY, 2008a. p. 163-183.

MANDELL, Lewis. **The financial literacy of young American adults**. The Jumpstart Coalition for Personal Financial Literacy, 2008b.

MANDELL, Lewis; KLEIN, Linda Schmid. **Motivation and financial literacy**. Financial services review, v. 16, n. 2, p. 105, 2007.

MANTON, Edgar J. et al. **What college freshmen admit to not knowing about personal finance**. Journal of College Teaching & Learning, v. 3, n. 1, p. 43-54, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MAROCO, João; GARCIA-MARQUES, Teresa. **Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?**. Laboratório de psicologia, p. 65-90, 2006.

MCCORMICK, Martha. **The effectiveness of youth financial education: A review of the literature**. 2009.

MEDEIROS, Flaviani Souto Bolzan; LOPES, Taize de Andrade Machado. **Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria-RS**. Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, v. 7, n. 2, p. 221-251, 2014.

MENDES, Ana Filipa Costa. **Financial Literacy of College Students-Study Case: Students of the University of Porto**. 2013.

MOORE, Danna L. **Survey of financial literacy in Washington State: Knowledge, behavior, attitudes, and experiences**. Washington State Department of Financial Institutions, 2003.

Moresi, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Trabalho de Conclusão de Pós-Graduação. Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2003.

NIDAR, Sulaeman Rahman; BESTARI, Sandi. **Personal financial literacy among university students** (case study at Padjadjaran University students, Bandung, Indonesia). *World Journal of Social Sciences*, v. 2, n. 4, p. 162-171, 2012.

OECD. **PISA 2012 – Financial literacy assessment framework**. OECD Centre, Paris, France. 2012.

OECD. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. OECD Centre, Paris, France. 2013.

OECD. **PISA 2012 Results: Students and Money: Financial Literacy Skills for the 21st Century (Volume VI)**, PISA. *OECD Publishing*. 2014.

OECD. **OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**. *OECD Publishing*. 2016.

OECD. **PISA 2015 Results (Volume IV): Students' Financial Literacy**. PISA, OECD Publishing, Paris. 2017.

ORTON, Larry. **Financial literacy: Lessons from international experience**. Canadian Policy Research Networks, 2007.

PENG, Tzu-Chin Martina et al. **The impact of personal finance education delivered in high school and college courses**. *Journal of family and economic issues*, v. 28, n. 2, p. 265-284, 2007.

PIRES, Valdemir. **Finanças pessoais fundamentos e dicas**. Piracicaba: Editora Equilíbrio, 2006.

GRIGION POTRICH, ANI CAROLINE; MENDES VIEIRA, KELMARA; KIRCH, GUILHERME. **Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira**. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS*, v. 13, n. 2, 2016.

President's Advisory Council on Financial Literacy (PACFL). **2008 Annual Report to the President**. 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006.

REMUND, David L. **Financial literacy explicated**: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of consumer affairs*, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

SEKITA, Shizuka. **Financial literacy and retirement planning in Japan**. *Journal of Pension Economics & Finance*, v. 10, n. 4, p. 637-656, 2011.

VIEIRA, Kelmara Mendes. **Alfabetização financeira dos jovens universitários rio-grandenses**. *Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle*, v. 5, n. 1, p. 107-133, 2016.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. **Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança**: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração*, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

WACHIRA, Mwangi Isaac; KIHU, Evelyne N. **Impact of financial literacy on access to financial services in Kenya**. *International Journal of Business and Social Science*, v. 3, n. 19, 2012.

ANEXOS

INQUÉRITO À ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DOS ESTUDANTES DE CONTABILIDADE DO BRASIL E PORTUGAL

Caro estudante,
O presente questionário é proveniente de uma pesquisa acadêmica sobre a Alfabetização Financeira dos Estudantes de Contabilidade do Brasil e Portugal. A pesquisa é elaborada por Bruno André Nunes da Silva, estudante do mestrado de Contabilidade e Finanças do ISCAP (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto), localizada em Portugal, e do bacharelado em Ciências Contábeis pela UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), localizada no Brasil, sob a orientação de Adalmiro Pereira e Eliandro Schvirck. A pesquisa tem por objetivo identificar as semelhanças e diferenças socioeconômicas, e a sua influência nos níveis de alfabetização financeira dos estudantes de contabilidade no Brasil e em Portugal. Todos os dados e respostas obtidas são confidenciais e serão utilizados de forma agregada com a pesquisa. Todas as questões devem ser respondidas. Se caso não souber a resposta assinale "Não sei". Selecione somente uma alternativa por questão. O tempo médio para responder o questionário é de 15 minutos.

I. Perfil do Inquirido

1. Qual o seu gênero?
a) Feminino b) Masculino
2. Qual a sua idade?
a) Até 17 anos d) 30 - 39 anos
b) 18 - 22 anos e) 40 anos ou mais
c) 23 - 29 anos
3. Qual o seu estado civil?
a) Solteiro c) Viúvo
b) Casado/União de Fato d) Divorciado/Separado
4. Qual período (ano) está cursando?
a) 1º Ano c) 3º Ano
b) 2º Ano d) 4º Ano
5. Quantos anos de experiência profissional possui? Inclua experiências a tempo inteiro (emprego formal), *part-time*, estágios, trabalhos de verão, etc.
a) Nenhum d) Entre 2 e 4 anos
b) Menos de 1 ano e) Mais do que 4 anos
c) Entre 1 e 2 anos
6. Qual a principal fonte de renda pessoal que dispõe periodicamente?
a) Trabalho d) Mesada
b) Bolsa / Auxílio e) Outros. Cite:
c) Não possuem rendimentos
7. Qual é o valor mensal que melhor enquadra sua renda pessoal? (Nota: sem levar em consideração o agregado familiar. Salário Mínimo – S.M.)
a) Sem rendimento d) Entre 2 e 4 S.M.
b) Até 1 Salário Mínimo e) Acima de 4 S.M.
c) Entre 1 e 2 S.M. f) Não sabe informar
8. Qual é o valor que melhor enquadra a renda mensal do seu agregado familiar? (Nota: considere agregado familiar todos aqueles que colaboram financeiramente em seu dia a dia. Salário Mínimo – S.M.)
a) Sem rendimento d) Entre 2 e 4 S.M.
b) Até 1 Salário Mínimo e) Acima de 4 S.M.
c) Entre 1 e 2 S.M. f) Não sabe informar
9. Qual o maior grau de escolaridade de seus pais (agregado familiar)?
a) Sem escolaridade d) Ensino superior
b) Ensino Fundamental e) Pós-Graduação
c) Ensino Médio f) Não sabe informar
10. Como classifica seu conhecimento para gerir suas finanças pessoais?
I - II - III - IV - V- Muito
Muito Pouco Razoável Bom Bom
Pouco

II. Conhecimento Financeiro, Atitudes e Comportamento

11. Se investir hoje R\$ 1.000,00 a uma taxa de 4% ao ano, o seu saldo dentro do período de um ano será:

- a) Maior se os juros forem compostos diariamente do que se for mensalmente
- b) Maior se os juros forem compostos anualmente do que se for trimestralmente
- c) R\$ 1.040, independente de como são calculado os juros
- d) R\$ 1.000, independente de como são calculado os juros
- e) Não sei

12. Você compra um produto cujo preço é de R\$ 1.000,00. Para pagar este produto, são oferecidas duas opções: I) Pagar 12 parcelas mensais de R\$ 100,00 cada; II) Fazer um empréstimo a uma taxa de juros de 20% ao ano, e pagar daqui um ano. Qual é a opção mais vantajosa?

- a) Opção (I)
- b) Opção (II)
- c) Ambas são exatamente iguais
- d) Não sei

13. Vamos assumir que em 2018 seu salário dobrará e que os preços ao consumidor também dobrarão. Em 2018, o quanto você será capaz de comprar com seu salário?

- a) Mais do que hoje
- b) Exatamente o mesmo
- c) Menos do que hoje
- d) Não sei

14. A seguinte afirmação é verdadeira ou falsa?

"Comprar uma só ação de uma empresa, normalmente, proporciona um retorno mais seguro do que comprar uma ação de um fundo de investimento"

- a) Verdadeiro
- b) Falso
- c) Não sei

15. Daniel e Rita têm a mesma idade. Aos 25 anos, Rita começou a aplicar R\$ 1.000,00 por ano, enquanto Daniel não poupava nada. Aos 50 anos, Daniel percebeu que precisava de dinheiro para sua aposentadoria e começou a aplicar R\$ 2.000,00 por ano, enquanto Rita continuou aplicando seus R\$ 1.000,00 por ano. Agora eles têm 75 anos. Quem tem mais dinheiro para sua aposentadoria, se ambos fizeram o mesmo tipo de investimento?

- a) Eles teriam o mesmo valor, já que na prática pouparam os mesmos valores
- b) Daniel, porque poupou mais a cada ano
- c) Rita, porque seu dinheiro rendeu por mais tempo a juros compostos
- d) Não sei

16. A principal razão para contratar um seguro é:

- a) Proteger-se de uma perda recentemente ocorrida
- b) Obter excelentes retornos do investimento
- c) Proteger-se de eventuais perdas imprevisíveis
- d) Melhorar o padrão de vida através da apresentação de sinistros fraudulentos
- e) Não sei

17. Cláudia trabalhou durante os anos de faculdade, recebendo R\$ 15.000,00 por ano. Após a conclusão do curso, encontrou outro emprego onde irá receber R\$ 30.000,00 por ano. O montante total em euros que Cláudia terá de pagar em impostos sobre a renda em seu novo emprego será:

- a) O dobro, pelo menos, do que pagava antes
- b) Um pouco mais do que pagava antes
- c) O mesmo que pagava antes
- d) Menos que pagava antes
- e) Não sei

18. Renato quer comprar um livro para oferecer de presente. Na Amazon, o livro custa 12\$, já com todas as despesas incluídas. Contudo, reparou que na livraria ao lado da sua casa o livro custa 10€. Onde Renato deve comprar o livro? Sabe-se que a taxa atual de câmbio Euro/Dólar é a seguinte: €1 = \$1,3. Escolha a opção mais barata.

- a) Amazon b) Livraria c) Tanto faz, dado que ambas as opções são equivalentes d) Não sei

19. Pedro investiu R\$ 1.000,00 em ações a dois anos atrás. O preço das ações caiu 40% no primeiro ano e subiu 40% no segundo ano. Como resultado, Pedro:

- a) Perdeu dinheiro b) Ganhou dinheiro c) Ficou com a mesma quantia d) Não sei

20. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?

- a) Conta Poupança b) Títulos públicos c) Ações d) Não sei

Classifique os itens abaixo de acordo com a seguinte escala relativa ao nível de importância que lhes atribui:

21. Manter registros financeiros adequados.

- I - Nada importante II - Pouco importante III - Não sei IV - Importante V- Muito importante

22. Gastar menos do que ganha.

- I - Nada importante II - Pouco importante III - Não sei IV - Importante V- Muito importante

23. Manter uma cobertura de seguros adequada.

- I - Nada importante II - Pouco importante III - Não sei IV - Importante V- Muito importante

24. Planear e implementar uma estratégia de investimento regular.

- I - Nada importante II - Pouco importante III - Não sei IV - Importante V- Muito importante

Classifique as seguintes afirmações, de acordo com a escala apresentada:

25. Faço uma reserva de dinheiro que recebo mensalmente para uma necessidade futura.

- I -Nunca II - Quase nunca III - Às vezes IV - Quase sempre V- Sempre

26. Guardo parte de meu rendimento todos os meses.

- I -Nunca II - Quase nunca III - Às vezes IV - Quase sempre V- Sempre

27. Guardo dinheiro regularmente para atingir objetivos financeiros de longo prazo como, por exemplo, educação de meus filhos, aquisição de um imóvel, aposentadoria.

- I -Nunca II - Quase nunca III - Às vezes IV - Quase sempre V- Sempre

28. Passo a poupar mais quando recebo um aumento salarial.

- I -Nunca II - Quase nunca III - Às vezes IV - Quase sempre V- Sempre

29. Nos últimos 12 meses tenho conseguido poupar dinheiro.

- I -Nunca II - Quase nunca III - Às vezes IV - Quase sempre V- Sempre

Obrigado pela colaboração!